

# Kyrrial



# Expediente

## **Editores:**

Marcelo Cristiano Mantovani e  
Flávia Alessandra Alves

## **Comissão Editorial:**

Ana Maria Dantas, Carlos de Aquino,  
Pereira, Graciema Pires Therezo,  
Jamil Cury Sawaya, Jauranice Rodrigues  
Cavalcanti, Liney de Mello Gonçalves,  
Luciane Moreira de Oliveira, Maria de  
Fátima Silva Amarante, Maria Inês G.  
Lucena, Maria Marcelita Pereira Alves,  
Nair Leme Fobe, Thereza de Moraes

## **Redator:**

Marcelo Cristiano Mantovani

## **Revisão:**

Graciema Pires Therezo,  
Liney de Mello Gonçalves,  
Jauranice Rodrigues Cavalcanti,  
Maria Marcelita Pereira Alves

## **Arte Capa:**

Juliano Ferrari Barbosa

## **Diagramação:**

Alexia Galvão

## **Colaboradores desta Edição:**

Adriana Furlan, Alexia Galvão,  
Anderson Bonon, Caroline Rocha,  
Daniel Serrano,  
Erika Casonatto Daldon, Fábio Blanc,  
Fábio Bonillo,  
Fernanda Marchesim Leite, Flávia  
Alessandra Alves, Flávio Levy,  
Gabriela Gomes Silveira, Giovana  
Tartari, Gisele Cerqueira,  
Julio César da Silva, Luciana Garcia de  
Oliveira, Luciano Carlos Pereira,

Marcelo Jarosz, Mariana Baroni

Fontana, Mariana Malagó,

Nilton Júnior, Oz Iazdi, Paulo

Henrique Rodrigues, Raoni Duran

Melo Cordeiro, Ricardo Maciel,

Sonia Regina Ribeiro Gallo, Vanilda

Vieira, Vera Lúcia Pereira

## **Colaboração especial:**

Marcia Camargos

Timo de Andrade

María Esther Arcos Pavón (Espanha)

## **Fotos:**

Capa: Momo na Villa Kyrial em 1915 :  
- com o leque, o pierrô Freitas Valle.

Arquivo Freitas Valle - Companhia da  
Memória. Foto gentilmente cedida por  
Marcia Camargos. Foto página 05 -

Idem.

Fotos página 14 - cedidas por Timo de  
Andrade - Arquivo pessoal. Foto pági-  
na 30 - cedida por Gabriela Gomes

Silveira - Arquivo pessoal.

**Kyrial - Revista de Literatura - ISSN**

**1982-1085 - Ano 02 - Número 02 -**

**Outubro de 2008 - é uma publicação**

dos alunos do curso de Letras da

Pontifícia Universidade Católica de

Campinas. Os textos assinados são de

responsabilidade dos autores e não

refletem, necessariamente, opinião da

revista. É proibida a reprodução total

ou parcial dos textos, fotos ou ilustra-  
ções, por qualquer meio, sem autoriza-  
ção. Tiragem de 400 exemplares. Im-  
presso na Discopel Gráfica e Editora

Ltda - Valinhos - SP.

E-mail para contato com a revista:

revistakyrial@gmail.com

# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO:</b> Um mundo de Palavras	4
<b>ARTIGO:</b>	
Outros Carnavais	5
Além do Sushi	7
Jorge Amado (re)descoberto	11
<b>ENTREVISTA:</b> Guardião da Memória: Timo de Andrade	13
<b>POESIA:</b>	
CPA	16
Metamorfose	16
Passeio	17
Vento	17
Conjugando	17
Overcome	17
Fuga do Século XXII	17
Pandora do Amor	18
O velho lobo do mar	18
Through Me	19
Long Ago	20
	20
<b>CONTO:</b>	
Dia Decisivo	21
Talvez mais tarde	22
Lost Wish	22
Uma ocasião especial	22
Anjo Negro	22
Sem título	22
Sentindo-se bem	23
Souvenir d'enfance	24
	25
<b>CRÔNICA:</b>	
Diga-me o que fazes antes da prova e te direi quem és	26
O índio que acordou branco e o branco que acordou índio	27
De Amor y Otras Mezclas	28
<b>RELATO DE VIAGEM:</b>	
Uma experiência africana	30
<b>OPINIÃO:</b>	
Quem tem medo de James Joyce?	34
<b>CINEMA:</b>	
Desejo e Reparação	36
<b>CONCURSOS:</b>	
II Concurso de Microcontos	38
II Concurso de "Fairy Tales"	38
The Black Stripe	39

# Apresentação

## UM MUNDO DE PALAVRAS

São raras as vezes em que sabemos qual será o resultado final dos textos que escrevemos. Parece sempre existir uma terceira margem, um caminho misterioso que nos transporta para longe em busca de palavras e sentidos. Esse eterno desejo de preencher um papel em branco com uma marca pessoal é parte de um processo tão mágico e indecifrável quanto a travessia percorrida pelo homem.

Quantos de nós, nos tempos de infância, não rabiscamos palavras na areia ou gravamos nossos nomes no tronco de árvores envelhecidas? Ou em sopas de letrinhas e bilhetes apaixonados, velamos nossos segredos mais tímidos? Há ainda quem guarde, com carinho, a cartilha colorida das manhãs escolares. Os primeiros passos de um *Caminho Suave* por um mundo que apenas começava a ser decifrado.

Pois há quem diga que um texto amanhecido será sempre um texto reescrito, e quem passe a vida toda reescrevendo textos e buscando erros nas linhas amareladas. Quando maduros, trazemos à escrita um gosto amargo de solidão e de saudade. Cartas suspirando um abraço apertado das pessoas que amamos sempre nos convencem de que fomos mais felizes noutra tempo. Um tempo de cartas e bilhetes...

É nesta viagem, em forma de palavra, que ultrapassamos as barreiras temporais, lingüísticas e geográficas da escrita. Poucas vezes, na história das revistas literárias, houve espaço para tamanha diversidade de textos - escritos em pelo menos quatro idiomas - cujos autores têm as mais diversas formações acadêmicas, todos unidos por uma paixão em comum: o gosto pelas palavras. São eles futuros professores, jornalistas, economistas, advogados, químicos, médicos e poetas.

Há quem tenha escrito durante a espera de um vôo no país de Shakespeare e Chaucer, e quem tenha desafiado Joyce sem perder o bom humor. Há quem tenha trazido, do continente de Coetzee e Mia Couto, a experiência humana da solidariedade. E quem tenha buscado, nos *haikais* de Bashô, a inspiração para falar de uma literatura tão refinada quanto milenar. E, ainda, quem tenha trazido à memória as lembranças do avô modernista, tão importante para os caminhos que definiram a história das nossas letras.

Visitamos um tempo nostálgico, buscando, sempre que possível, uma forma de unir nosso passado ao presente. Afinal, há exatos cinqüenta anos, despedia-se do mundo José de Freitas Valle, o *bon vivant* das artes e das festas memoráveis da Villa Kyrial, cuja história inspirou esta publicação e nos fez reviver, em um artigo desta edição, o pedacinho de um tempo marcado pelo barulho dos *cadillacs* e *klaxons* nas ruas paulistanas.

O que fica é o sentimento de termos preenchido mais um ciclo ao final deste segundo número da Kyrial. Parafraseando Guimarães Rosa, "ficamos encantados", certos de que "a gente cresce sem saber para onde". Acreditamos que sempre haverá uma terceira margem, um mundo de palavras sem limites no tempo e no espaço. Como diria Fellini, "não há nenhum fim e não há nenhum começo. Há, somente, a paixão da vida".

Marcelo Cristiano Mantovani

# Artigo

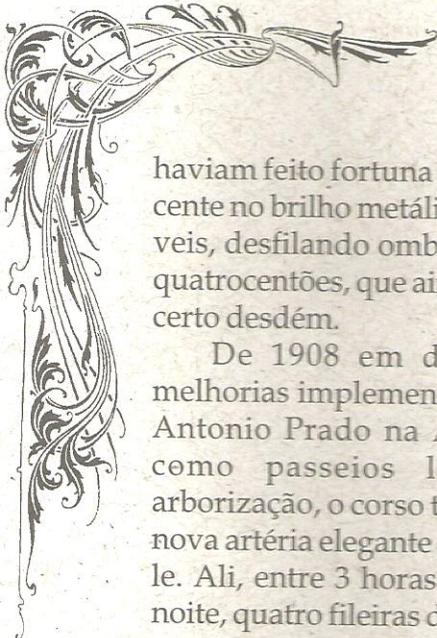


## OUTROS CARNAVAIS

por Marcia Camargos

Na pele de um pierrô de cetim vermelho, com botões, gola e detalhes em branco, um célebre mecenas dava o tom e o ritmo do carnaval. Em princípios do século XX, José de Freitas Valle era um dos responsáveis pela agenda cultural de São Paulo a partir da Villa Kyrial, uma chácara urbana de sua propriedade na Rua Domingos de Morais. Folião dos mais animados, todo mês de fevereiro revivia os festejos de Momo pelo viés das tradições venezianas. Nada de marchinhas, batuque, cordões e outras referências populares que remetessem às nossas heranças negras ou indígenas. Na Belle Époque tropical, imperava a folia de emoções comedidas e raízes européias, importada de Veneza e do balneário francês de Nice.

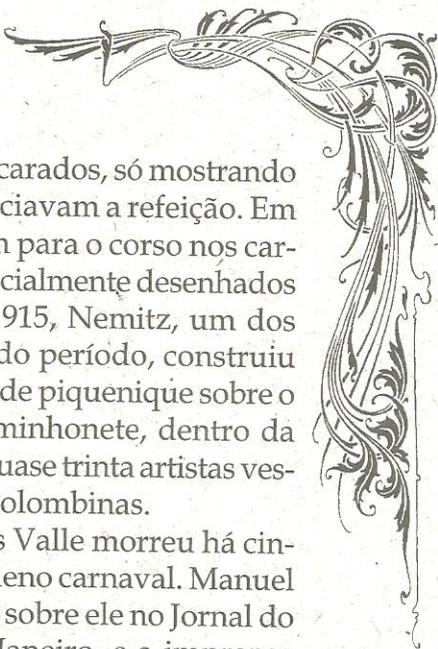
Ao cair da tarde, o Triângulo, formado pelas ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro, enchia-se de tálburis e caleças, as saudosas carruagens de quatro rodas e dois lugares, puxadas por uma parelha de cavalos. No centro comercial da Paulicéia, moças, rapazes e meninos de pé no estribo, brincavam entre si, jogando serpentina e água de cheiro uns nos outros para deleite das pessoas simples que acompanhavam da calçada. Por incrível que pareça, tudo isso acontecia sem instrumentos musicais, nem o acorde de melodias. Reinava o silêncio quebrado apenas pelo ronco dos motores que não raro ferviam e o barulho das buzinas, então denominadas klaxons. A burguesia industrial composta dos imigrantes que



havam feito fortuna exibia a riqueza recente no brilho metálico de seus automóveis, desfilando ombro a ombro com os quatrocentões, que ainda a olhavam com certo desdém.

De 1908 em diante, graças às melhorias implementadas pelo prefeito Antonio Prado na Avenida Paulista, como passeios largos e ampla arborização, o curso transferiu-se para a nova artéria elegante da futura metrópole. Ali, entre 3 horas da tarde e dez da noite, quatro fileiras de carros enfeitados passeavam lentamente em dupla direção. Se, nos outros meses, a elite andava em cadillacs, agora dava preferência aos landôs e às "vitórias", as antigas carruagens com cobertura dobrável e um assento na frente, para o cocheiro. Antes, passavam pelas lojas Flora, Hortolândia ou Floricultura para receber em decoração apropriada. Uma profusão de hortênsias transformava o veículo em pagode chinês ou em cisne de dalias brancas. Outros viravam caramanchões de cravos vermelhos ou vinham disfarçadas de barco com vela de azaléias e casco de rosas. Yolanda Penteado, a grande dama das altas rodas paulistanas, relembra que fazia o curso no Renault cupê do seu irmão, sentada muito arrumadinha na capota, tornado-se alvo fácil dos confetes dourados. Algumas famílias quotizavam-se para alugar caminhões convertidos em barracas de folhagens e flores. Havia os que optavam por artifícios menos complicados, adornando a lataria com colchas bordadas e arranjos florais.

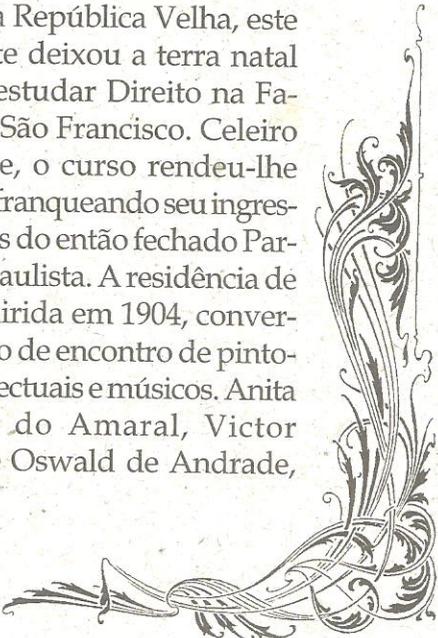
Os barões do café armavam tablados junto às grades de seus palacetes para assistir ao curso que vinha substituir, naqueles dias de folia, o velho footing das tardes de sábado e de domingo. Ao anoitecer, acendiam as luzes de casa e convidavam os conhecidos para tomar refresco. Era o horário em que Washington Luís aparecia, de chapéu e cavanhaque, ao lado de Freitas Valle, todo sorrisos. Voltavam de um almoço à fantasia no solar da Vila Mariana, ao qual os convidados

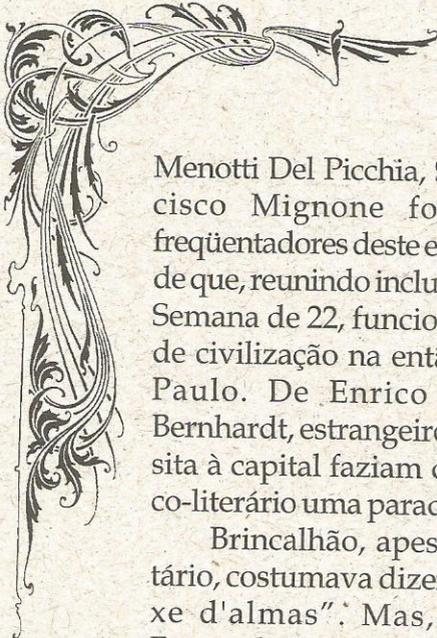


compareciam mascarados, só mostrando o rosto quando iniciavam a refeição. Em seguida, rumavam para o curso nos carros alegóricos especialmente desenhados para a data. Em 1915, Nemitz, um dos notáveis floristas do período, construiu uma enorme cesta de piquenique sobre o chassi de uma caminhonete, dentro da qual se postaram quase trinta artistas vestidos de pierrôs e colombinas.

José de Freitas Valle morreu há cinquenta anos, em pleno carnaval. Manuel Bandeira escreveu sobre ele no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, e a imprensa paulistana tratou de ressaltar sua importância no cenário cultural da cidade, quando oferecia memoráveis banquetes à nata político-financeira, mas também acolhia com generosidade os jovens talentos sem recursos em busca de apoio e patrocínio. Apesar disso, a Villa Kyrial acabaria demolida, levando consigo a memória de toda uma época. Na ocasião, lamentando o fato, Guilherme de Almeida afirmou que, naquele ambiente estimulante, os artistas aprenderam a enfrentar uma audiência: "Poetas, recitamos; músicos, compusemos e executamos; escritores, lemos e dissertamos; pintores e escultores, expusemos. Tímidos estreantes, aí foi que pudemos comunicar a nossa obra primeira, e, às vezes, prima...", registrou ele em 20 de junho de 1961, na coluna "Eco ao longo dos meus passos", que mantinha neste mesmo jornal, O Estado de S. Paulo.

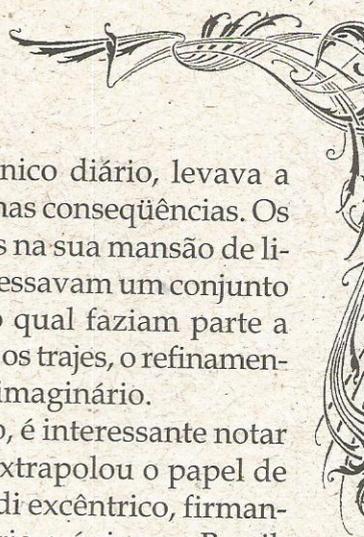
Personagem polêmico e multifacetado, figura de relevo da República Velha, este gaúcho de Alegrete deixou a terra natal aos 15 anos para estudar Direito na Faculdade do Largo São Francisco. Celeiro da classe dirigente, o curso rendeu-lhe valiosas amizades, franqueando seu ingresso nos altos escalões do então fechado Partido Republicano Paulista. A residência de Freitas Valle, adquirida em 1904, converteu-se em um ponto de encontro de pintores, escultores, intelectuais e músicos. Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Mário e Oswald de Andrade,





Menotti Del Picchia, Souza Lima e Francisco Mignone foram alguns dos frequentadores deste espaço de sociabilidade que, reunindo inclusive a vanguarda da Semana de 22, funcionou como um fator de civilização na então provinciana São Paulo. De Enrico Caruso a Sarah Bernhardt, estrangeiros de renome em visita à capital faziam do seu salão artístico-literário uma parada obrigatória.

Brincalhão, apesar do traço autoritário, costumava dizer que tinha um "feixe d'almas". Mas, ao contrário de Fernando Pessoa, estas não se desdobravam em heterônimos, e sim em personas de um romance. Bem definidas, suas identidades eram cultivadas em separado, cada qual sob um pseudônimo. No formidável leque de perfis, Freval, o manipulador de perfumes, tinha fregueses fiéis como Paulo Prado, adepto da fragrância *Au trèfle astral*. Na culinária, outro campo em que se aventurou, elaborava banquetes suntuosos sob o avental de maître Jean Jean, fundando a Hordem dos Gourmets, com H, para encorajar experimentações gastronômicas e dilatar os horizontes do paladar. Segundo críticos da área, ele foi pioneiro na introdução de ingredientes e frutas tropicais em pratos batizados de *côtelettes enigmatiques*, ou *mousse neigeuse aux dattes d'Orient et aux cerises d'Occident*. Já como poeta, Jacques D'Avray, que escrevia em francês, não comercializava os versos nas livrarias. Seus tragipoemas, de tiragens mínimas, eram distribuídos a poucos e raros em requintadas edições fora do comércio. Com Alphonsus de Guimaraens, Álvaro Viana e Severiano de Rezende, D'Avray abraçou o movimento simbolista, que procurava infundir o êxtase poético às minúcias do coti-



diano. No jogo cênico diário, levava a estetização às últimas conseqüências. Os serões promovidos na sua mansão de linhas ecléticas expressavam um conjunto bem articulado do qual faziam parte a etiqueta, os vinhos, os trajés, o refinamento dos modos e do imaginário.

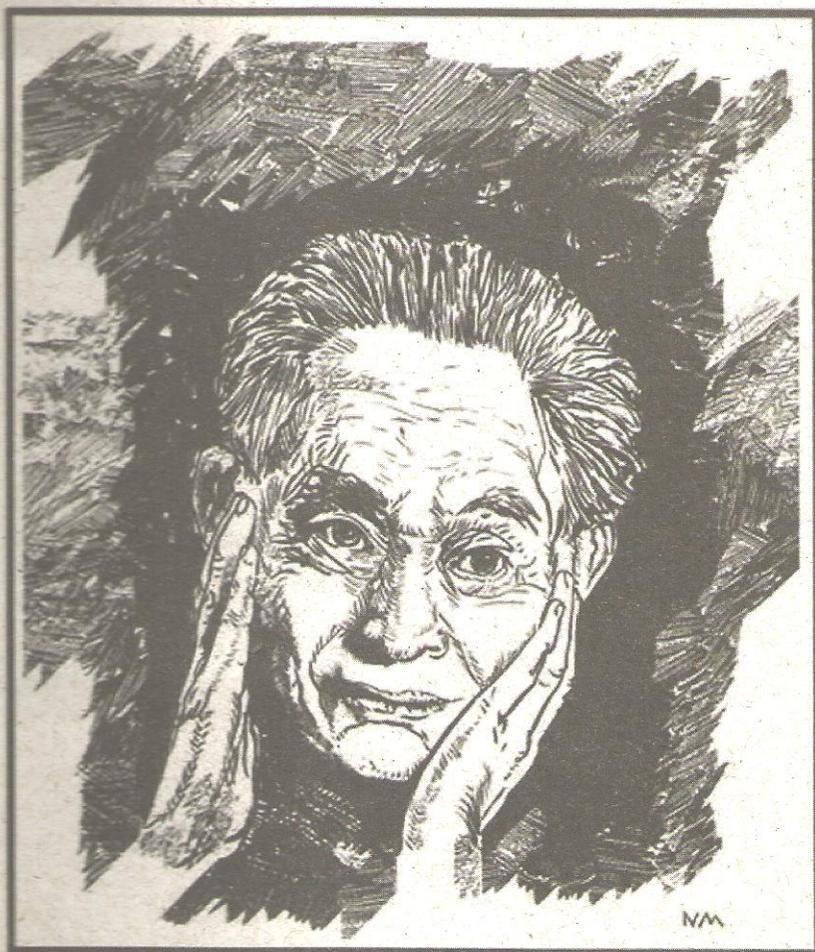
Neste contexto, é interessante notar que Freitas Valle extrapolou o papel de *bon vivant* ou *dândi excêntrico*, firmando um estilo próprio e único no Brasil. Como legislador, em 27 anos de mandatos consecutivos, sintonizado com os ideais positivistas e maçônicos, mostrou-se comprometido com o ensino, participando da implantação de escolas primárias e bibliotecas públicas. De 1912 a 1930, dirigiu o Pensionato Artístico, que manteve no exterior músicos e artistas plásticos cujas produções enriqueceram o acervo da Pinacoteca do Estado, da qual foi um dos fundadores.

Autêntico membro da oligarquia patriarcal, gerou respeitável prole dentro e fora do casamento com Antonieta Egídio de Souza Aranha, que faleceu precocemente, aos 39 anos de idade. Namorador incorrigível, recorria a uma estratégia tão original quanto infalível para conquistar as mulheres que passavam por seus domínios. Se os atributos físicos da visitante o encantassem, ele aguçava-lhe a curiosidade sobre o quadro mais belo da sua coleção. Fosse solteira, casada ou viúva, Valle tomava-a pelo braço e, após circular pelos recintos de paredes forradas de telas, parava diante do majestoso espelho veneziano do vestibulo. Com um delicioso timing de suspense e clímax, apontava para a silhueta nele refletida como sendo a obra-prima do seu acervo. Contam-se nos dedos da mão as que resistiram a tão charmoso galanteio...

Marcia Camargos é Doutora em história social.  
Escreveu *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana, entre outros livros*.

Artigo originalmente publicado no Caderno "Aliás" de O Estado de São Paulo, São Paulo, em 03 de fevereiro de 2008.

## ALÉM DO SUSHI



O discurso que o escritor Kenzaburo Oe pronunciou ao receber o prêmio Nobel de Literatura em 1994 – o segundo oferecido a um escritor japonês – tinha o título “Japão, o Ambíguo, e eu mesmo”. Nele, Oe observa que “após 120 anos de modernização desde a abertura do país, o Japão dos dias de hoje está dividido em dois pólos opostos. Eu mesmo vivo como escritor sob essa polarização, que está marcada em mim como uma cicatriz profunda”.

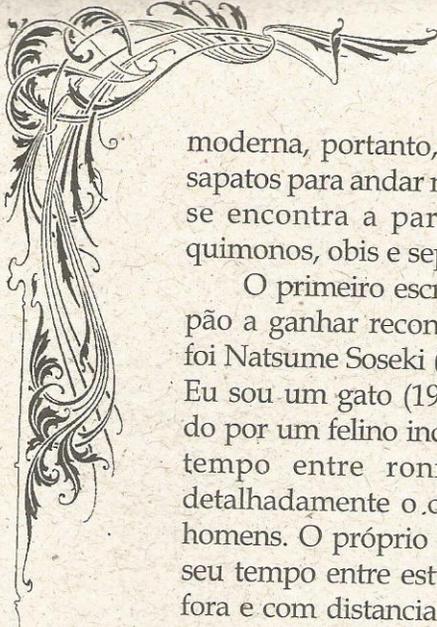
A partir da era Meiji, que cobre o período de 1868 até 1912 no Japão, o país começou a se modernizar, ou melhor, a abrir a economia e a cultura lentamente, para abraçar a influência de outros países. Isso se refletiu com maior expressividade na literatura japonesa, que, até o começo do século XX, momento da diluição do Ocidente na produção literária, não passava de entre-

tenimento barato e possuía grande defasagem entre a língua falada (moderna) e a escrita (antiga).

Uma das cenas mais irônicas de Bom dia, do diretor Yasujiro Ozu (outro com cicatriz), é a que introduz o tema de todo o filme e materializa o objeto de preocupação da literatura e da cultura oriental após a “chegada” do Ocidente: dois irmãos entram em greve de silêncio e de fome até que seus pais comprem uma televisão – o vizinho, que veste roupas ocidentais, já possui uma importada e faz exibições clandestinas para os garotos, para que possam assistir às lutas de sumô em casa.

Vive aí a polarização: ao se modernizar, o Japão aprendeu com o ocidente e imitou-o, mas permaneceu berço de tradições culturais.

Para entender a literatura japonesa

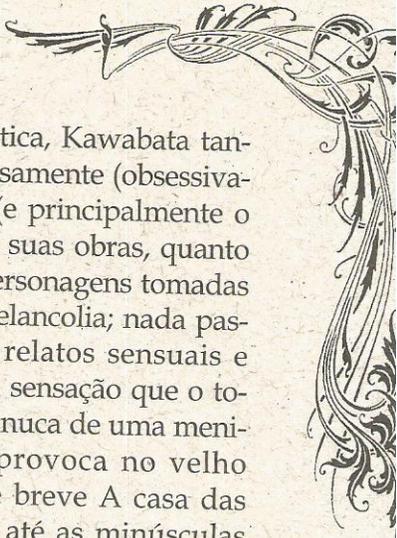


moderna, portanto, é preciso retirar os sapatos para andar no tatame, mas o que se encontra a partir daí não são só quimonos, obis e sepuoku.

O primeiro escritor moderno do Japão a ganhar reconhecimento mundial foi Natsume Soseki (1867-1916), autor de *Eu sou um gato* (1905), romance narrado por um felino indolente que divide o tempo entre ronronar e observar detalhadamente o comportamento dos homens. O próprio Soseki pôde dividir seu tempo entre estudar e observar, de fora e com distanciamento, o comportamento dos japoneses: passou quatro anos estudando literatura inglesa em Londres, para depois voltar e dar aulas de teoria e crítica literária e começar sua produtiva carreira de romancista, ensaísta e poeta – Soseki era um grande escritor de haikai, o rigoroso poema tradicional japonês de 17 unidades silábicas popularizado por Matsuo Basho (1644-1694) e Masaoka Shiki (1867-1902).

Junichiro Tanizaki (1886-1965) parece contar sempre a mesma história: a obsessão do homem por uma mulher e a inevitável dose de submissão, ciúmes, frustração e humilhação que a acompanham não como um efeito colateral, mas como o próprio preço a ser pago. As personagens do autor passam por uma devastação emocional e sexual movidas pelo desejo desenfreado, que não pode ser contido e nem se pode dele esquivar – como em *Amor insensato*, que pode muito bem ter influenciado Nabokov ao escrever *Lolita*, pelos infortúnios do protagonista Joji, que se rende a um amor por uma garota perversa e vulgar (viciada na nova onda norte-americana) que o trai e o aniquila. O final, no entanto, é feliz: “Aqui termina meu relato sobre nossa vida de casal. Aqueles que o acharem idiota, sintam-se à vontade para rir. Aqueles que dele possam tirar um ensinamento moral, tomem-no como lição. Quanto a mim, estou apaixonado por Naomi e pouco me importa o que as pessoas pensem a meu respeito”.

Yasunari Kawabata (1899-1972) foi o primeiro japonês a receber o prêmio Nobel de Literatura, em 1968. Com es-



crita delicada e poética, Kawabata tanto descreve minuciosamente (obsessivamente) o universo (e principalmente o corpo) feminino em suas obras, quanto sintetiza vidas de personagens tomadas pelo vazio e pela melancolia; nada passa batido em seus relatos sensuais e sinestésicos, desde a sensação que o toque na penugem da nuca de uma menina dopada é nua provoca no velho Eguchi no romance breve *A casa das belas adormecidas*, até as minúsculas sagas que não preenchem nem uma página em *Contos da palma da mão*. Kawabata cometeu o suicídio em 1972, assim como seu amigo próximo e pupilo Mishima o fez dois anos antes. Ao contrário do autor de *Cores proibidas*, que transformou sua morte em um ato político e artístico, Kawabata não deixou nota de suicídio e saiu de cena exausto e deprimido.

Yukio Mishima (1925-1970) é, certamente, o primeiro nome que vem à cabeça quando se fala em letras japonesas – Shakespeare, literatura inglesa, Balzac, francesa, Machado de Assis, brasileira, Camões, portuguesa, etc. Mais espetacular que sua carreira, projetada mundialmente aos 24 anos de idade com a publicação de *Confissões de uma máscara*, só o fim dela: Mishima se matou durante uma manifestação política e transformou seu sepuoku numa performance artística, à maneira de um happening de Andy Warhol. Junto com seu exército particular, Tatenokai, que formou e educou pessoalmente, Mishima invadiu um quartel das forças do Japão, fez refém o comandante e leu um discurso no qual tentava incitar os soldados a dar um golpe no governo e restituir os moldes de governo do Japão imperial. Depois, ao mesmo tempo frustrado com a pálida reação e decidido (planejava o ato há mais de um ano, conforme relatos posteriores), iniciou o ritual e um dos seus seguidores, no papel de kaishakunin, finalizou-o, decapitando Mishima. Fascinado com a tradição clássica de seu país e com a morte, Mishima produziu narrativas autobiográficas e de lirismo à flor da pele, como a monumen-

tal tetralogia Mar da fertilidade.

Kenzaburo Oe (1935-) é considerado o porta-voz dos jovens da geração do pós-guerra. Sua obra e sua vida se confundem mais até que a de Mishima: seu filho Hikari, nascido em 1963 com má-formação cerebral foi objeto de grande parte de seus livros - em Uma questão pessoal, ficção notadamente autobiográfica, um jovem professor tem que lidar com a súbita notícia de que seu recém-nascido filho levará uma vida vegetativa, se sobreviver. Atormentado pelo rebento, que representa, de início, mais uma condenação do que um triunfo, o professor vaga pelas ruas, tentando entender seu destino. Jovens de um novo tempo, despertai! analisa, em 6 peças curtas, episódios da delicada relação com seu filho autista. O tom de confissão e a sinceridade desses relatos chegam a ser insuportáveis.

Haruki Murakami (1949-) é o escritor mais popular do Japão contemporâneo. Norwegian Wood vendeu mais de 4 milhões de cópias só no Japão, quando foi lançado, no fim dos anos 80, e teve influência comparável a O apanhador no cam-

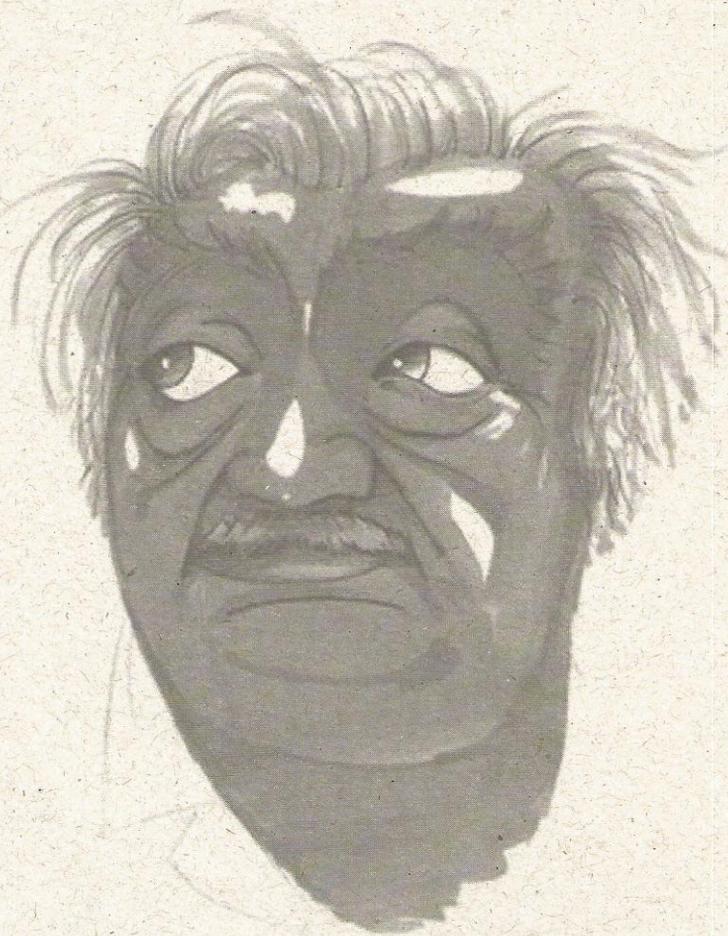
po de centeio. Dono de um texto tão acessível quanto fantasioso, ele faz parecer crível que pessoas atravessassem paredes, vivam em realidades diferentes, conversem com gatos e percam suas metades ao cruzarem com espelhos. Entrelaça tantas referências ocidentais (Coca-Cola, Marlboro, Kafka, Beach Boys, Levi's, Prada, Sputnik) a suas tramas complexas e sombrias que é difícil imaginar um autor de olhos puxados por trás de tais palavras. Murakami é pop, mas profundo. Detalhista, capta o essencial e escreve, lá do Japão, de forma universal.

A literatura japonesa não passou só pelo conflito entre o antigo e o novo, o clássico e o moderno, o imperial e o democrático, o oriente e o ocidente, o quimono e o jeans, o protetor e o invasor, mas atravessou um período de descobrimento: desde a modernização, não havia apenas uma maneira de pensar e de agir e muito menos uma só forma de contar histórias. A nova geração ocidentalizada acrescentou muito à qualidade narrativa e estética das histórias, mesmo que o tenha feito por meio da destruição e do conflito.



*Fábio Bonillo (Jornalismo)*

## JORGE AMADO (RE)DESCOBERTO



CASIANITO  
03

*Este é o tempo de partido,  
Tempo de homens partidos*  
Drummond, 1944

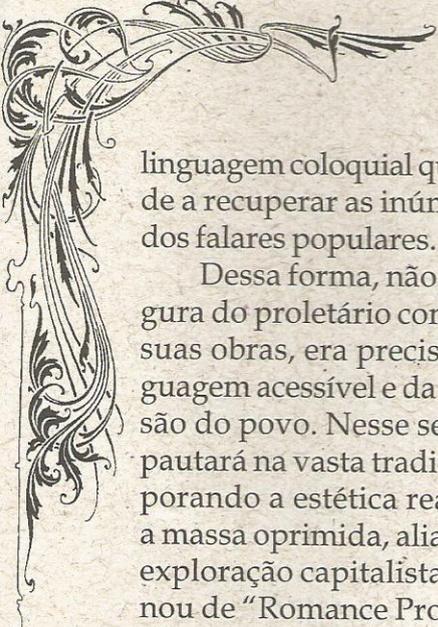
Ao estar presente na Festa Literária Internacional de Parati (FLIP), no ano de 2006, em meio a toda programação, deparei-me excepcionalmente com uma palestra que me tocou de maneira profunda. Tratava-se da do professor Eduardo de Assis Duarte, o qual se apresentou na Mesa de abertura do evento daquele ano na qual, coincidentemente, o romancista Jorge Amado era o grande homenageado.

A apresentação consistia na tese de doutorado de Eduardo que, indignado com a ausência de estudos abrangentes sobre os livros do escritor baiano, decidiu manifestar-se acerca de sua vasta

obra, sobretudo, a referente à primeira fase do escritor – que vai de *O país do carnaval* (1931) a *Subterrâneos da liberdade* (1954) –, composta por livros de cunho político-ideológicos marcados pelos acontecimentos dos anos 30 e 40.

Além da falta de estudos acadêmicos, a crítica da obra amadiana tem-se caracterizado, segundo Eduardo, pela falta de profundidade e por um preconceito estético, mascarado por um preconceito ideológico.

Para o professor Eduardo, a principal meta do escritor, qual seja, escrever para o povo, acarreta a adoção de uma



linguagem coloquial que, por sua vez, tende a recuperar as inúmeras modalidades dos falares populares.

Dessa forma, não bastava trazer a figura do proletário como protagonista de suas obras, era preciso utilizar uma linguagem acessível e da verdadeira expressão do povo. Nesse sentido, o enredo se pautará na vasta tradição popular, incorporando a estética realista voltada para a massa oprimida, aliando a denúncia da exploração capitalista, o que se denominou de "Romance Proletário".

Desde 1933, ano em que *Cacau* esgotou-se no prazo de quarenta dias, uma edição de dois mil exemplares, Jorge Amado tem sido objeto de críticas e, ao mesmo tempo, de polêmicas heterogêneas. Exaltado, por um lado, por seus dons de narrador, por outro, suas obras são freqüentemente acusadas de fomentar a pornografia e renderem-se ao formato best seller.

Numa breve análise histórica, pode-se notar que diversos acontecimentos marcaram de forma decisiva a carreira do escritor, dentre os quais a Semana de Arte Moderna, o levante do forte de Copacabana e a fundação do PCB, eventos estes que irradiavam sentimentos de negação do status quo político, artístico e social.

Assim, no plano político, a atitude dominante era de rejeição do coronelismo e a situação de pobreza e atraso do país.

A presença da classe trabalhadora na literatura brasileira se afirma nas lutas pelas conquistas dos direitos trabalhistas.

Coincidentemente, em 1933, Parque industrial, de Patrícia Galvão (Pagu) enfoca o tema pela ótica da mulher operária, de modo a intensificar o espírito da Revolução Comunista em marcha.

De maneira semelhante, ao escrever *Cacau*, Jorge Amado demonstra uma intenção bastante clara dos jovens escritores de origem pequeno-burguesa, simpáticos ao sistema comunista. A publicação dessa obra marca o pioneirismo do tipo de romance que subverte a ordem ao inserir o personagem do homem que trabalha como protagonista ou narrador. O oprimido ascende a herói e conta sua experiência de modo a se extrair um saber possível de ser transmissível.

O problema é que não tínhamos até então a presença do "proletário revolucionário" nos romances brasileiros dos anos 30.

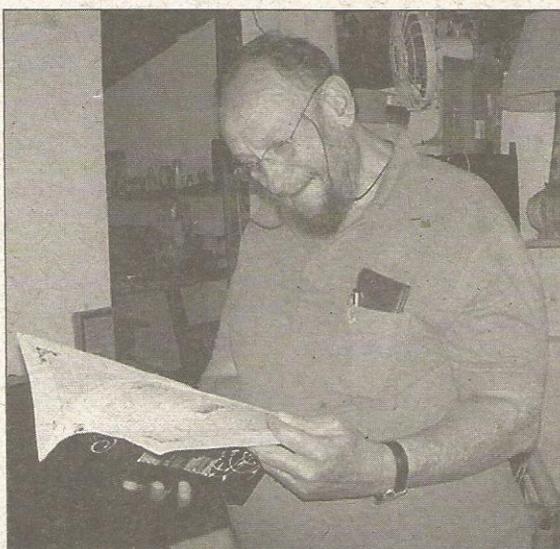
Mesmo com toda a evolução trazida por Amado, a crítica brasileira, salvo raras exceções, poucas vezes dedicou-se a uma compreensão mais profunda e global de seus escritos, o que significa, nas palavras de Paulo Bezerra no prefácio da obra de Eduardo de Assis Duarte, que a crítica atual terá de "levar em conta um trabalho à altura das reais dimensões do artista baiano".

*Luciana Garcia de Oliveira (Direito)*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: Romance em tempos de utopia*. São Paulo: Editora Record. 1996.
- AMADO, Jorge. *País do carnaval*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- AMADO, Jorge. *Subterrâneos da liberdade*. São Paulo: Editora Record.
- AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Editora Record.
- GALVÃO, Patrícia. *Parque industrial*. São Paulo: Editora José Olympio.

## GUARDIÃO DA MEMÓRIA



por Flávia Alessandra Alves

Tudo começou com uma agradável coincidência: amigos em comum. Bastaram poucos contatos para que surgisse a oportunidade desta entrevista. Passaram-se alguns meses, até o dia em que, inesperadamente, pudemos adentrar o jardim florido de sua casa, num local que parecia um refúgio da agitação urbana das grandes cidades. Também bastaram poucas palavras para que alguém nos identificasse e nos conduzisse até um escritório, onde ele nos aguardava. Estávamos no cantinho preferido de José Oswald Guerrini de Andrade, muito conhecido como Timo, o filho do artista plástico e poeta Nonê de Andrade e também neto do escritor Oswald de Andrade, grande frequentador da Villa Kyrial de Freitas Valle.

Seguindo caminhos distintos do pai e avô, porém jamais se afastando da arte, Timo teve importante participação no cinema nacional, dirigindo com Rino Marconi o premiado documentário *A ilha da resistência*, além de ter trabalhado como técnico de som em outros documentários e no longa-metragem *Tenda dos milagres*, dirigido por Nelson Pereira dos Santos. Resgatando a história do pai com o avô, desafiou o tempo. Durante mais de dez anos, Timo ajudou a organizar, em parceria com a professora Maria Eugenia Boaventura, o livro *Dia Seguinte e Outros Dias*, uma obra de

extrema importância que revela as memórias de Nonê e seu relacionamento com o pai Oswald, que tanto amou.

Enquanto Timo nos falava de sua trajetória, marcada por dificuldades e momentos de emoção e de alegria, na família e na profissão, sua imagem parecia confundir-se com o retrato do avô modernista. Impossível não nos lembrarmos de Oswald, em plena agitação, durante a Semana de Arte Moderna de 1922.

Aos poucos, a conversa informal nos revelou pedacinhos de sua história. O escritório repleto de livros raros, cujas estantes dividem as prateleiras com discos antigos e objetos de arte que o pai tanto admirava, ganhou vida naquela manhã. As fotos da família nos transportaram para um tempo nostálgico. As cartas do pai e do avô, cheias de saudade, e bilhetes, trocados entre ambos, atravessaram oceanos. Um tesouro inestimável.

Em algum momento, a impressão era a de termos sido transportados para uma das salas do palacete de Freitas Valle, cujas paredes testemunharam momentos importantes que definiram os caminhos de nossa arte e história. Fomos brindados. E brindamos os leitores da Kyrial com esta entrevista inédita, cujo guardião da memória é Timo de Andrade, nosso homenageado desta edição.

# Entrevista

## TIMO DE ANDRADE

**Kyrial** - Como foi crescer em uma família cuja veia artística teve grande importância na história de nossa literatura e arte brasileiras?

**Timo** - Na infância nós não percebemos nada disso. A gente vai crescendo e percebendo que é igual a todo mundo. Na escola primária, com dez anos, quando resolvi pentear o cabelo pra trás e que, logicamente ficou em pé, a diretora começou a me chamar de poeta. Eu achava que ser poeta era ser como todo mundo, como de fato é. Eu não sabia se as casas de meus colegas eram movimentadas como a minha ou se nelas se falavam as mesmas coisas. Não sabia da importância de ser velado na Biblioteca Municipal de São Paulo como foi meu avô. Só depois é que tive noção de seu valor na literatura e no jornalismo brasileiros. Mas eu sempre aprendi, em casa, que todos, como pessoas, têm a mesma importância.



**Kyrial** - Quais as lembranças mais marcantes de sua infância ao lado do avô Oswald?

**Timo** - Era um avô atencioso, afetuoso, que sempre se despedia da gente com um beijo na testa e dizia *Boa sorte*. Cuidava de dar um dinheirinho pra comprar um guaraná e sempre mandava a gente pra casa, de taxi. A gente, que eu me lembre,

não tinha muito papo.

**Kyrial** - Dos livros que seu avô escreveu, qual é, na sua opinião, sua obra-prima? Por quê?

**Timo** - *Serafim Ponte Grande* é o livro que mais me chama a atenção. Sempre que posso, estou lendo um trecho dele. A linguagem, as circunstâncias, o meta-realismo e a invencionice dentro da realidade que está ali também... Acho tudo muito bom.



**Kyrial** - Como você definiria o conturbado e intenso relacionamento de seu pai com Oswald?

**Timo** - Na linguagem da época: Era um maravilhoso duo de flautas. Os flautistas Oswald e Nonê passavam o tempo todo (fora o tempo em que conseguiam trabalhar) tapando buracos, como flautistas que tapam buracos ociosos, ou seja: o tempo todo tinham que pôr dinheiro dentro das dívidas com os agiotas e sempre com muita harmonia.

**Kyrial** - Você acredita que, de alguma forma, a sombra de Oswald ofuscou o lugar do filho e artista plástico Nonê na arte brasileira?

**Timo** - Quando vovô era vivo, papai produzia e expunha seus quadros de forma bastante satisfatória. Depois da morte de Oswald, ele quase foi obrigado a deixar de pintar para pagar as dívidas assumidas por causa de vovô. Quando conse-

guiu se livrar de tudo que o pai tinha deixado, já estava muito desgastado também pela diabetes - herança do pai - e pôde viver apenas cerca de dez anos trabalhando para ele mesmo.

**Kyrial** - Qual foi a maior dificuldade em organizar *Dia Seguinte e Outros Dias*, o livro de memórias de seu pai?

**Timo** - A rigor não tive dificuldade para organizar. Foi trabalhoso porque tive de consultar todos os manuscritos pra ver onde ele queria chegar e poder estabelecer o texto. Depois disso, submeti à apreciação de Maria Eugênia Boaventura, nossa amiga, grande conhecedora da literatura brasileira, do modernismo principalmente, que orientou a revisão, corrigindo os montes de erros meus. Daí foi pegar o prefácio com o poeta José Paulo Paes, figura ímpar e inesquecível que, infelizmente, não está mais entre nós.

O difícil foi mesmo publicar. Mas, um dia, mostrei o livro para a Maria Adelaide Amaral, uma excelente pessoa. Ela, depois de um ano e meio, me apresentou o Quartim de Moraes, que na época tinha uma editora, a Códex. Ele mesmo topou editar.

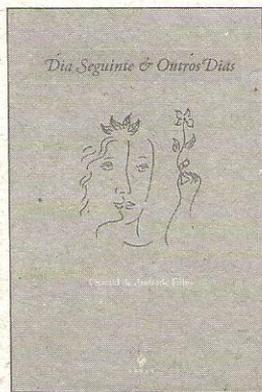
**Kyrial** - Como nasceu seu interesse pelo Cinema? Como foi trabalhar com Nelson Pereira dos Santos e Agnaldo Siri Azevedo, por exemplo?

**Timo** - Conheci Siri quando eu trabalhava na Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia, levando espetácu-

los de teatro e música erudita para o interior do Estado. Ele me apareceu vendendo um filme chamado "Sem saída". Eu acabei conseguindo fazer com que a SEC comprasse. Ficamos amigos. Um dia, ele me disse "Venha trabalhar comigo! Você tem um gravador bom, conhece cinema e sabe gravar." Titubeei um pouco, mas ele me convenceu e fui trabalhar em seu filme "O boca do inferno", que mostra o poeta Gregório de Matos e Guerra andando em Salvador, criticando as mesmas coisas que criticava no século XVII. No ano seguinte, indicado por Siri, fiz o som de "Tenda dos Milagres" que só tem uma parte feita em som direto porque as circunstâncias não eram ideais. Foi muito bom trabalhar com Nelson Pereira dos Santos, tanto como experiência profissional quanto humana.

**Kyrial** - Seu nome José Oswald é tradição na família desde seu bisavô José Oswald Nogueira de Andrade. Em que momento o Timo se parece com Nonê e Oswald?

**Timo** - Esse apelido veio porque, quando eu nasci, a Rússia estava sendo invadida pela Alemanha e, quem comandava a resistência, era o General Timoschenko. Ele era careca e tinha a cara redonda. Eu também, daí... Em relação a meu avô e meu pai, se me pareço com eles ou não, eu não sei. Quanto à capacidade de criação e trabalho, meu pai me dava de dez a zero!



**Para saber mais:**

*Dia Seguinte & Outros Dias*

**Autor:** Oswald de Andrade Filho

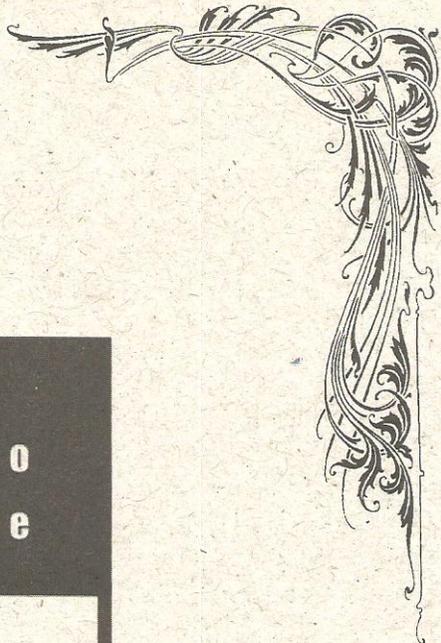
**Editora:** Códex

**ISBN-13:** 9788575940228

**Sinopse:**

Primeiro filho de Oswald de Andrade, Nonê, como ficou conhecido, acompanhou de perto as aventuras (e desventuras) vividas por seu pai. Foi seu cúmplice em vários momentos, como também o amigo que tem a liberdade de, sem perder a admiração, criticá-lo quando necessário. Em 1972, depois de complicações cardíacas, Nonê acabou por falecer. Seus cadernos - 'sebentas', como costumava chamar - ficaram guardados para

somente nos anos 90 serem resgatados pelo filho mais velho, Timo de Andrade, e a crítica literária Maria Eugênia Boaventura. Eles reconstituíram todo este rico material para organizar o livro. Quase que inteiramente escrito em versos livres, à maneira oswaldiana, neste livro Nonê recuperou os bastidores de um dos períodos mais ricos não só de sua vida e de seu pai, mas da cultura e da política brasileiras nas agitadas décadas de 20, 30 e 40.



# Poesia

chã o  
p o s t o            p r e s o  
a n t i d e r r a p a n t e

c a l m a  
p u r a            p o s e  
a n t i d e r e p e n t e

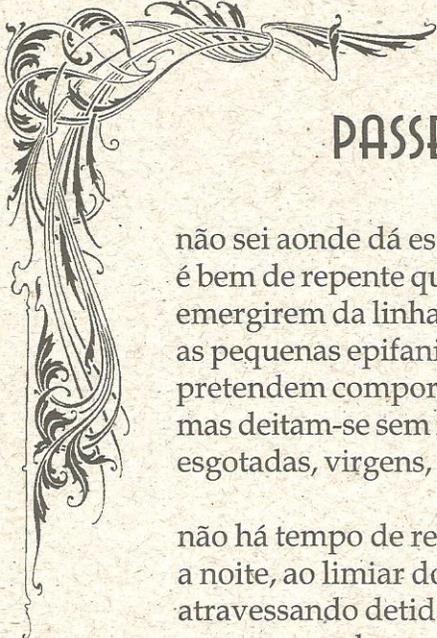
*Daniel Serrano (Jornalismo)*

---

## METAMORFOSE

A visão que tive aqui vou narrar,  
Porque meu desejo com ela se parece:  
Em certa manhã, no quintal, no pomar,  
Rugosa lagarta cai, à terra desce.  
Tamanho esforço fez até chegar  
Em seu pré-destino: da parede um canto,  
Incessantemente pôs-se a se fechar  
O novo habitáculo: um casulo, um manto.  
Bastaram uns dias, pude observar  
O vivo milagre da transformação.  
Tão bela ela surge e já pode voar,  
Agora ela não mais se prende ao chão.  
O mesmo desejo a você passar,  
Pois você me alegra com seu coração.  
Resultado disto é você se alegrar,  
A vida viver com mais felicidade.  
Tamanha guinada há de encontrar  
Um mundo de bênçãos, desejo em verdade,  
Descerrando o amor e a cumplicidade,  
O maior presente que posso ofertar.

*Paulo Henrique Rodrigues (Letras)*



## PASSEIO

não sei aonde dá esse caminho.  
é bem de repente que percebo  
emergirem da linha do horizonte  
as pequenas epifanias que  
pretendem compor um amanhã,  
mas deitam-se sem fôlego,  
esgotadas, virgens, ermas.

não há tempo de resgate.  
a noite, ao limiar do dia, se move,  
atravessando detidamente a glória,  
para que nenhuma luz sequer  
destrua sua opulência negra;  
enquanto o sol se esquiva,  
tosco, sem lastro, frígido,  
perdido sob quaisquer nuvens.  
marco com horas a trajetória.

se escorrem palavras da minha boca,  
só escorrem porque há uma ferida.  
se resiste ainda o perdão, cético,  
só resiste porque não perdoa mais.  
se flerta comigo a esperança,  
só flerta enquanto não me descobre.  
se abre-se a compaixão, lânguida,  
só se abre para negar contato.

a maré sobe e afoga todas as verdades.

*Marcelo Javozz (Letras)*

*Aqui ainda  
nos em contra nos muitas  
vezes um solo de auto, diviane.*

*Morato Javozz.  
10/10/08*



## VENTO

Vento  
brisa fina, leve.  
Que toque os olhos  
levando pedidos  
Que conheça lábios  
carregando promessas.  
Faça-se presente nas manhãs  
tardes tristes  
e noites frias.  
Carregue o amor,  
transportando esperança.  
Alimente corações,  
deixando de ser lembrança.

## CONJUGANDO

Será que um dia terei,  
viverei, sentirei?  
Será que um dia virá,  
chegará, ficará?  
Será que um dia encontro,  
demonstro e pronto?  
Será? Será?

*Caroline Rocha (Letras)*

---

## OVERCOME

É do conhecimento dos dias que todas as feridas são abríveis  
É preciso queimá-las por dentro  
É preciso expurgá-las do jugo que elas tem sobre nós  
É preciso deixá-las  
Que sangrem ou que sequem  
Isso pertence a elas  
A nós pertence o momento  
De fazer as malas e ir embora  
E deixar mais uma vez essa casa vazia  
Essa esquina baldia  
Da entidade abstrata  
Que é a dor

*Raoni Duran Melo Cordeiro*



## FUGA DO SÉCULO XXII

Será que num futuro evolutivo,  
Quando a população tiver foguete,  
Astronauta terá seu coletivo  
E a flor já não terá seu ramalhete?  
Ninguém verá um rosto de amigo,  
Porque só se andará de capacete,  
E o beijo não terá mais atrativo,  
Sendo considerado um cacoete?  
Robô será então um confidente  
Do homem, quando se mostrar descontente  
Por ter-se deletado o verbo Amar.  
E o homem vai tentar fugir deste sistema,  
Com um mapa envelhecido de um poema,  
Numa viagem intracelular.

*Flávio Levy*

---

## PANDORA DO AMOR

A vida sem importância parecia estar  
A existência, sentido não fazia  
Num vácuo da realidade vegetava...  
Que se desfez quando o Belo surgiu

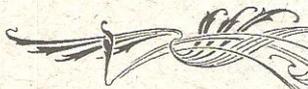
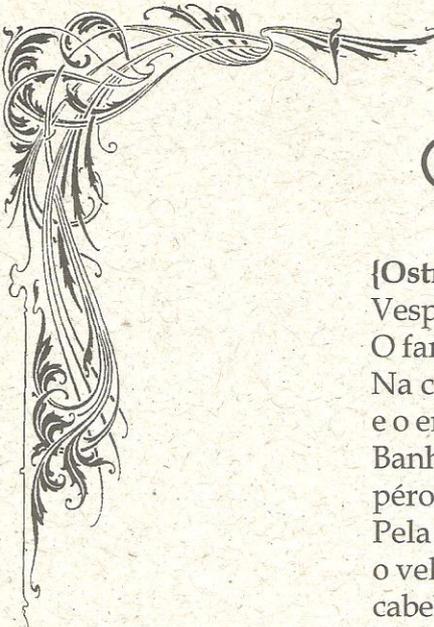
Euforia, Sentimento e Sopro de Vida  
À criatura trazidos, como Magia  
Tornando-se o motivo de Vivência  
Seriam desde então sua Pandora

Inspiração, Desejos e Sonhos agora  
Não seriam mais fantasias, mas  
Algo que jaz em seu mundo externo

O compartilhar tornou-se almejado  
Felicidade a proximidade criava  
Parava-se tudo, a vida estava completa.

*Anderson Bonon (Química)*





## O VELHO LOBO DO MAR

### {Ostracismo}

Vespertino...!

O farol à direita do moinho.

Na canoa furada a isca, a rede  
e o emaranhado molinete.

Banho só aos domingos,  
pérolas em ostracismo...

Pela fresta do vitral,  
o velho de sardas no degrau,  
cabelos grisalhos

Unhas roídas

Sob a armadura enferrujada,  
a espada guardada no coldre.

Na densa luz de um holofote,  
olhos vidrados ao Norte.

O mar ressoa um "fá" e "lá" sustentados,  
na tempestade íntima na concha...

apagam-se as velas pandas.

### {a imperatriz menina}

Noite bucólica...!

Num espiral, esquiva a luz no castiçal.

No aterrissar de uma estrela,  
pela cauda de um cometa.

Ela... anjo de coração alado:

Palatina, a imperatriz menina.

Auréola, pequenas asas, peles e penas.

Lábios de brio carmesim,  
cabelos negros a nanquim.

Introduz o réquiem com o som da harpa,  
dilacera o elmo, o escudo e a espada.

(agora saudoso... velho lobo do mar)

O velho se prostra na sombra das pequeninas asas.

Os olhos marejam... diz adeus à gaivota.

### {o breviário}

Sétimo céu...!

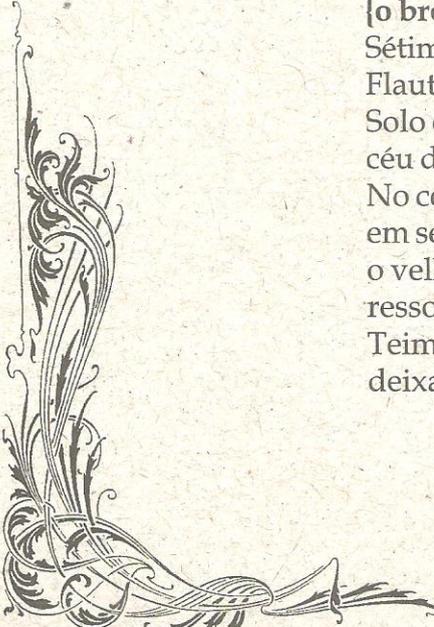
Flauta agridoce, perfume de sândalos.

Solo ermo, árido e tenro,  
céu de claras nuvens de setembro.

No centro do jardim, a árvore genealógica,  
em seu mais alto galho de olhos semi-cerrados,  
o velho com uma concha ao pé do ouvido,  
ressoando num assóvio um "fá" e "lá" sustentados.

Teimou que era preciso...

deixar a vida num sorriso!



*Julio César da Silva*

## THROUGH ME

I want to be a writer  
But I don't know how!  
Once upon I heard  
To be a writer is:

To pass our sensations to others  
But I don't know how!

These others have to catch you  
And see the World Through you  
They must catch your feelings  
But I don't know how!

Then I've decided  
I'd start from the beginning  
I don't have a lack of words  
I don't have enough time  
But I don't know how!

And I still want to be a writer!

Then readers. Feel my feelings!  
These lyrics need you!

Through me  
You can see a parallel world  
Through me  
You can see the world paradox  
Through me  
You can see, feel and catch  
Through me  
You can see anything through me  
Then readers.

I don't know how!  
But I still want to be a writer!

*Vanilda Vieira (Letras)*

## LONG AGO

Thy blond hair, oh child, makes me feel sorry  
for the bygone fields I saw in my childhood.  
Thy light blond hair makes me feel sad  
for the bundles of wheat I didn't gather in my youth.  
Thy hair, blond and light, makes me feel bad  
for all the cheerful instances I knew that were there,  
for all the wrong deeds I did,  
for all the blessed blessings I lost.  
Thy hair became blond and white  
and the traced marks that I have  
make me feel irreparably numb and inert.

*Vera Lúcia Pereira*

# *Cento*

## DIA DECISIVO

A cigana disse que o dia seria decisivo – seja lá o que isso significasse. Ela saiu de lá pálida, sem saber bem para onde ir. Seus pés, protegidos por grossos sapatos de chuva, faziam todo o trabalho. Decididos. Pensou no pai, na mãe e no irmão mais velho, que fazia um cruzeiro pela Índia. Todos estavam bem. Pelo menos era o que diziam.

Decisivo. Decisivo pra quem? Que diabo de leitura de cartas era aquela? A tal cigana só podia estar louca. “Essas velhas bruxas ficam loucas com o tempo e passam a misturar realidade e ficção”, pensava ela, “só pode ser isso”. Desceu para o metrô. Iria para casa normalmente e nada mais ia lhe acontecer. E, seguramente, no dia seguinte voltaria para a tenda no parque de diversões, perto da Torre de Londres, para dar um pito na velha. Entrou no trem na Estação Picadilly Circus, em direção à Russel Square. Sentou. Arrumou os cabelos – longos, lisos, que, há muito, ela pensava em cortar, mas a mãe não deixava, e procurou algum dos jornais gratuitos cheios de fofocas sobre atores e músicos.

Passando os olhos pelo vagão – já que, em Londres, não é educado encarar as pessoas – encontrou os dele. Negros, penetrantes, diretos em seu rosto. Sentiu-se violada por aqueles olhos. Era como se estivesse nua e eles tivessem acesso a todos os seus poros. Não sabia quem ele era e teve medo, mas não conseguiu desviar-se do olhar. Parecia hipnotizada. A voz feminina ecoava pelo vagão, nomeando as estações – Camdem Town, Notting Hill Gate – e ela olhava para fora. Da hipnose veio o medo. Desceu no Covent Garden, embrenhou-se em meio ao povo que, cansado de sua labuta diária, guerreava em busca de espaço pela Judd Street. Ela sentia os olhos em seu pescoço, olhava para trás e os via, depois não, depois sim, depois não!

Foi parar na loja Dress Circle e correu para o andar de baixo. Esperou. Fingiu ler os títulos dos livros sobre música, até pensou em levar o disco com a trilha do filme “Hello Dolly”, autografado por Barbra Streisand e Michael Crawford, para seu amigo ator, mas desistiu da idéia. Saiu pisando raso, delicada, sem ser notada. Fechou os olhos e pediu para os olhos não estarem lá. Quais olhos? Os dela? Os dele?

Saiu contando os passos. Levantou a cabeça e seus olhos novamente encontravam os olhos. Soltou um grito e correu. Ele correu atrás. Não desesperado, como ela, mas de passo firme e certo. Não precisava! Ela ia se perder de qualquer jeito. De fato. Ela olhou de um lado para o outro, não havia saída. Pedreiros estavam quebrando a rua para colocar novos encanamentos. Começou a correr novamente, mas seu braço foi puxado. Era ele.

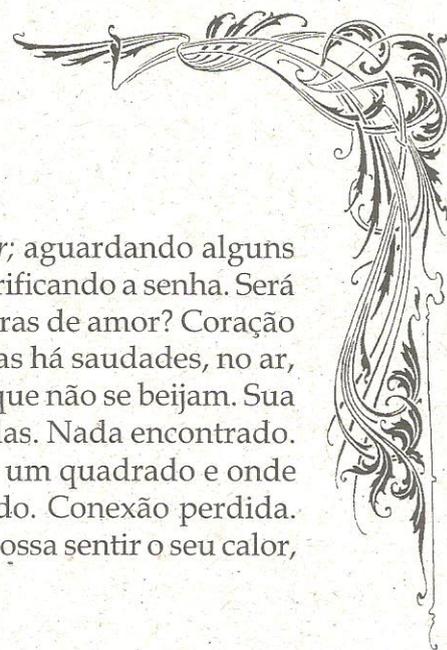
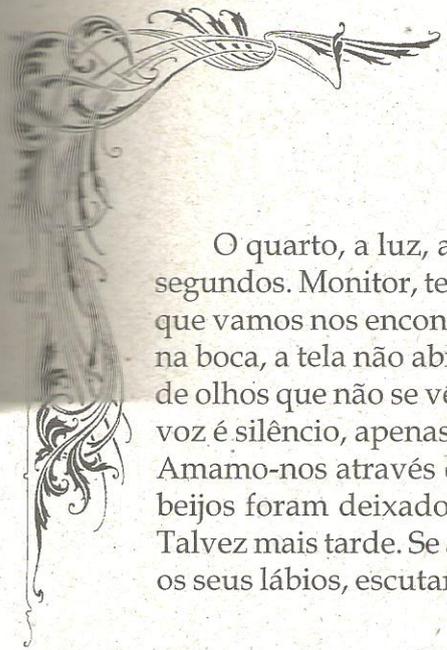
Era ele que a prensava contra a parede no beco. Alto, roupa branca e preta, com um chapéu bem cortado. Ela pensou em gritar, mas ele, levemente, pôs um dedo em sua boca. Ela se acalmou. Assustou-se quando ele a abraçou, mas deixou-se levar. Aquelas mãos a tocavam, os dedos longos, decididos. Seus lábios, receosos, sentiram o calor de brasa dos dele. Ela não sabia o que estava acontecendo e nem se gostava ou não. Em seu ouvido, a voz falou: “Me amas?”. E ela nem pensou, só conseguia responder: “Sim! Sim! Sim!”. Estava amedrontada, mas não queria sair de lá. “Ficarias comigo para sempre?”, perguntou a voz, grossa, impassível, que entrava pelos ouvidos e lhe acariciava os neurônios. “Ficaria! Ficaria!” e ela tocou-lhe a face. Suas mãos queimaram como em fogo. Gritou. Um grito inumano, gutural. Com um movimento, ele a jogou do outro lado do beco onde estavam, e ela sentiu seu corpo todo queimar. Para sempre.

Ele era o Demônio Londrino!

“Hoje será um dia decisivo”, tinha dito a cigana.

*Heatrow Airport, Londres, Inglaterra, 01/08/2008*

*Ricardo Maciel (Letras)*



## TALVEZ MAIS TARDE

O quarto, a luz, a cadeira, a vida, o tempo, o botão *power*; aguardando alguns segundos. Monitor, teclado, *mouse*, alongamento do corpo. Verificando a senha. Será que vamos nos encontrar? Sala de bate-papo. Recados? Palavras de amor? Coração na boca, a tela não abre. Abriu! Na tela, nenhuma palavra, mas há saudades, no ar, de olhos que não se vêem, mãos que não se tocam e de bocas que não se beijam. Sua voz é silêncio, apenas amor virtual... Apenas barulho das teclas. Nada encontrado. Amamo-nos através de uma tela, na qual seu rosto é apenas um quadrado e onde beijos foram deixados. Estamos por um fio. Nada encontrado. Conexão perdida. Talvez mais tarde. Se algum dia nos encontrarmos, talvez eu possa sentir o seu calor, os seus lábios, escutar a sua voz e amá-lo infinitamente!

*Mariana Malagó (Letras)*

---

## UMA OCASIÃO ESPECIAL

Era uma típica noite de verão brasileiro. O brilho das estrelas fazia parte da decoração do evento, que marcaria a vida de inúmeras pessoas. Esta, com certeza, não era uma data comum.

Olhos luminosos e ansiosos denunciavam a expectativa de todos que se encontravam para fazer este dia tão especial. Flashes eram disparados a todo instante, na esperança de que nem um gesto sequer deixasse de ser registrado.

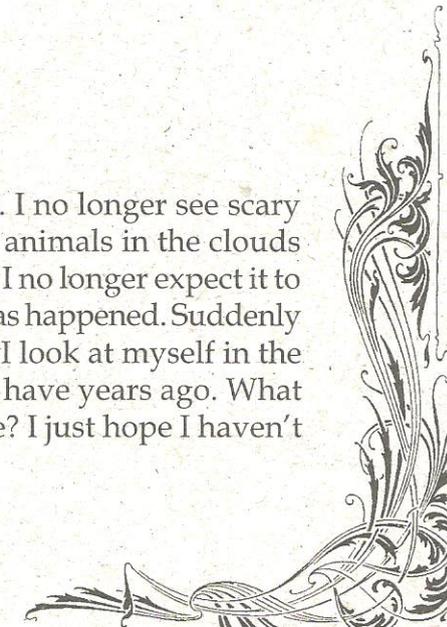
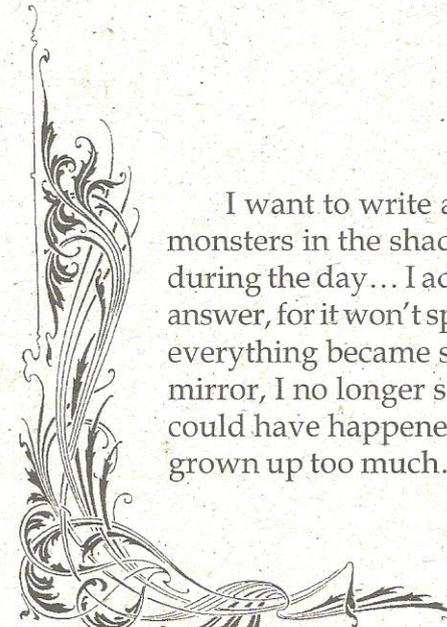
Muitas foram as experiências adquiridas por esse grupo que se reunia para concretizar o sonho idealizado por tantos anos. Lágrimas foram derramadas, turmas foram modificadas, relações foram iniciadas e finalizadas, confissões compartilhadas e muitos, mas muitos momentos de alegria foram vivenciados.

Era, inquestionavelmente, uma ocasião especial, pois marcaria a despedida dos alunos do quarto ano do curso de Letras matutino da Universidade PUC-CAMPINAS e o ingresso oficial destes no mercado de trabalho, como profissionais de Letras. Foram anos de luta diária, de trabalhos árduos, provas intrigantes e até mesmo, algumas discussões. No entanto, tudo, sem exceção, valeu a pena.

Quatro anos se passaram, porém as conquistas alcançadas ao longo desse período não passarão jamais.

*Erika Casonatto Daldon (Letras)*

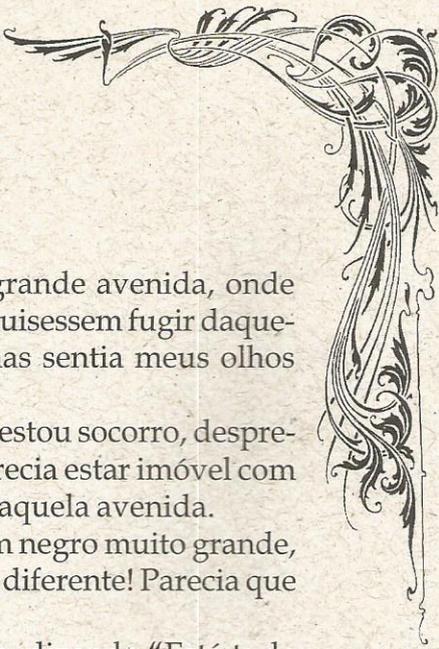
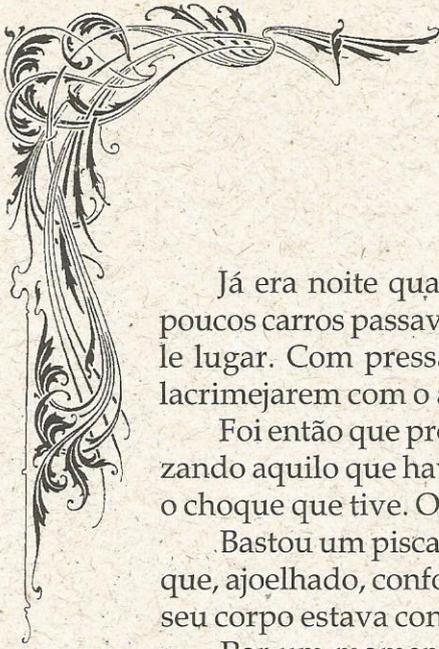
---



## LOST WISH

I want to write a fairy tale, but my imagination is gone. I no longer see scary monsters in the shadows of my bedroom at night... or cute animals in the clouds during the day... I admit, yes, I still talk to my cat... however I no longer expect it to answer, for it won't speak to me anymore. I don't know what has happened. Suddenly everything became so literal and uninteresting. Even when I look at myself in the mirror, I no longer see that superhero secret smile I used to have years ago. What could have happened to my imagination? Where could it be? I just hope I haven't grown up too much...

*Adriana Furlan (Letras)*



## ANJO NEGRO

Já era noite quando eu andava pela cidade. Corria na grande avenida, onde poucos carros passavam, sempre em alta velocidade, como se quisessem fugir daquele lugar. Com pressa, eu pouco olhava para os lados. Apenas sentia meus olhos lacrimejarem com o ar frio.

Foi então que presenciei um acidente, cujo culpado não prestou socorro, desprezando aquilo que havia atropelado. Não pude fazer nada - parecia estar imóvel com o choque que tive. Olhei para os lados e não havia ninguém naquela avenida.

Bastou um piscar de olhos para que eu visse ali um homem negro muito grande, que, ajoelhado, confortava o acidentado ainda vivo. Como era diferente! Parecia que seu corpo estava contornado de luz.

Por um momento, seus olhos se direcionaram para mim, dizendo "Está tudo bem agora!". Algum tempo depois, juro ter visto grandes asas aparecerem em suas costas. Era um anjo, um anjo negro. Como queria voltar a vê-lo! Pisquei novamente e suas asas desapareceram. Com elas, ele também desapareceu. Tudo o que ouvi foi a sirene da ambulância tocar de longe...

*Alexia Galvão (Letras)*

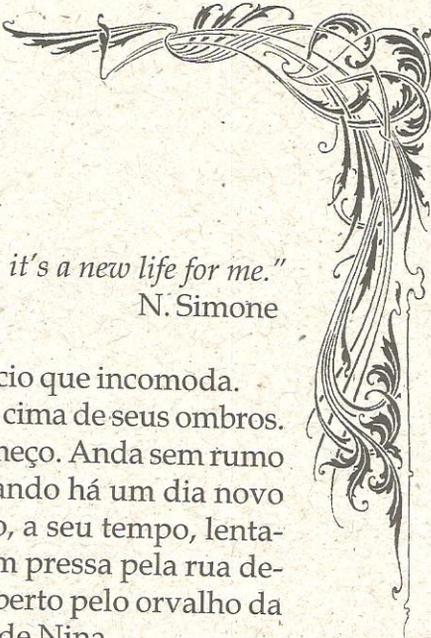
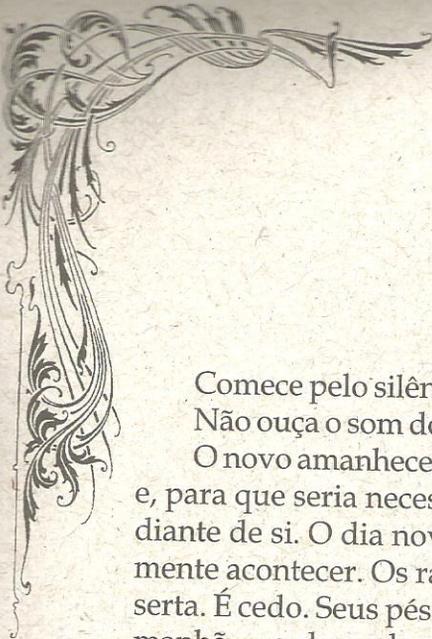
---

## SEM TÍTULO

Atrás da moita:

- Posso?
- Pode.
- Devo?
- Deve.
- Tá bom?
- Ótimo.
- Tiro?
- Tira, tira...
- E isso, tiro?
- Vai, vai, rápido!
- Calma, calma, sem pressa!
- Tá, tá, mas não demore.
- Sabe, acho melhor não. Depois, você sabe, podem ser meses de espera pra gente. E...as conseqüências, você compreende...
- Oh, e como! Mas sem problema, só mais essa vizinha, vai!
- Olha...
- Diga que sim, por favor!
- Okay, mano, você venceu. Mas digo, se a polícia nos pegar a culpa é toda sua, sua! - disse, enquanto enfiava os papelotes na meia.

*Luciano Carlos Pereira (Letras)*



## SENTINDO-SE BEM

*"It's a new dawn, it's a new day, it's a new life for me."*  
N. Simone

Comece pelo silêncio. Sim, um silêncio discreto, não o silêncio que incomoda. Não ouça o som dos pássaros no céu; sinta o brilho do sol em cima de seus ombros. O novo amanhecer surge com a perspectiva de um novo começo. Anda sem rumo e, para que seria necessário um rumo? Não sabe aonde vai quando há um dia novo diante de si. O dia novo traz novas perspectivas, fatos que irão, a seu tempo, lentamente acontecer. Os raios aquecem o rosto, e Nina caminha sem pressa pela rua deserta. É cedo. Seus pés descalços caminham pelo asfalto frio, coberto pelo orvalho da manhã — o choro dos céus! Orvalho doce e grudento nas solas de Nina.

Ela respira, claro, como não havia de respirar? É involuntário. Mas seu respirar é único. A delicadeza do ar entra em suas narinas, fazendo com que inflem levemente, ao mesmo tempo em que inclina, discreta, sua cabeça para trás. Seus peitos fartos abrem e expandem seus pulmões. Está realizada, visto o sorriso esboçado em seus lábios ao passo que o ar abandona seu corpo, dando espaço para novas inspirações e expirações. Os passos alinhados, quase bailarinescos, seguem uma linha perfeita, retilínea, sem falhas. A brisa d'alva dedilha seus cachos abaixo do ombro; e que cor, meu Deus, que cor de pele! Mais dourada que o próprio sol!

Pássaros cruzam o céu azulado, o sol ainda tímido a raiar. A felicidade toma conta de cada passo. Não há carros estacionados; as suas paredes são os prédios a sua volta, seu limite são as calçadas. Ela está no meio da rua. Nada mais gratificante que o sabor da paz, porque nada mais importante que poder dormir em paz! E, agora, ela é somente paz. Somente paz. Nina não nega a felicidade, e nem há porque negar! Está feliz. Está viva.

Deixa um rastro no asfalto. Gotas grossas de sangue escorrem da barra de seu vestido vermelho. Sim, vermelho. Evidente que ela está preparada. Ela já fora preparada. Os sorrisos, a brisa em seus cabelos e o azul no céu lembram-lhe o que fez. Lembra-se de seu ponto final. Vingança. Suave e doce, mais justa e limpa impossível. E assim o fez.

Sua *vendetta* começou às escuras, quando tudo se é possível. E ela havia entrado escondida e flagara. Ficara num armário, esperando-o. Quando viu, ele não estava só. Esperou o ato consumir-se e esfaqueou-o.

Pára no meio da rua. Admira as libélulas dançando aos primeiros brilhos do sol; diverte-se com o bater das asas das borboletas. Ela quer ver novamente estrelas. Mas não importa! É uma nova manhã, um novo dia e, desde essa manhã, uma nova vida. Suas mãos sujas de sangue, a barra de seu vestido, nada nega. Senta-se. Deita-se. Fica a admirar o céu.

Com a melodia em sua cabeça, ela revive os gritos. Ele a havia traído, não era digno de seu perdão. Ela matara, mas matara com vontade. Somente consegue matar quem tem a frieza da constante felicidade após o crime. Não, não a chamem de insensata, nem de monstro. Ela está feliz. Sua respiração continua, seus pulmões abrem e fecham, até o dia em que se fecharão para sempre. Abre seus braços ao longo do corpo e balança ao som da melodia em sua cabeça. Simples, suave, as batidas simples e o trombone, penetrante.

*Fabio Blanc (Letras)*



Wendine  
Bejo  
Sonia  
10/10/08

## SOUVENIR D'ENFANCE



Quand j'étais petite, à l'âge de six ou sept ans, je passais mes vacances dans la maison de mes grand-parents. Je jouais toutes les journées avec un petit chat dans un jardin soigné, plein de fleurs bleues, qui s'appelaient Hortensias. J'aimais mes oncles qui après le travail avaient encore de la patience pour jouer avec moi.

La maison, la plus belle que j'aie déjà vu, avait cet air mystérieux que mènent les enfants à écouter et à imaginer des choses épouvantables. Et même aujourd'hui quand j'y pense, je tremble. Pour arriver à l'entrée principale, on traversait un grand jardin qui finissait par un grand escalier; la porte de deux ailes où une seule s'ouvrait, était haute et noire. Dans la maison, à droite une porte; à gauche une autre; en face sous une lumière faible un escalier en bois qui descendait vers une partie de la maison encore inconnue pour moi, parce qu'il m'était interdit de descendre. Tout à côté de l'escalier un couloir de vingt mètres, plus au moins, qui menait à la chambre de ma tante Marie. La salle à manger, à droite de l'entrée, était la plus disputée parce que mon grand-père, âgé, y restait pendant toute la journée assis, sur un fauteuil au coin du salon en regardant, derrière un regard glacé, sa jeunesse qui allait très loin.

Je l'aimais, non parce qu'il me laissait m'asseoir sur ses genoux ni à cause de ses grandes oreilles. Je l'aimais parce que les filles aiment leurs grand-pères.

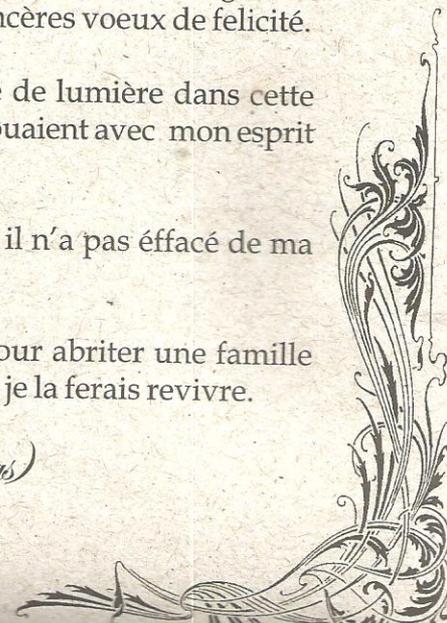
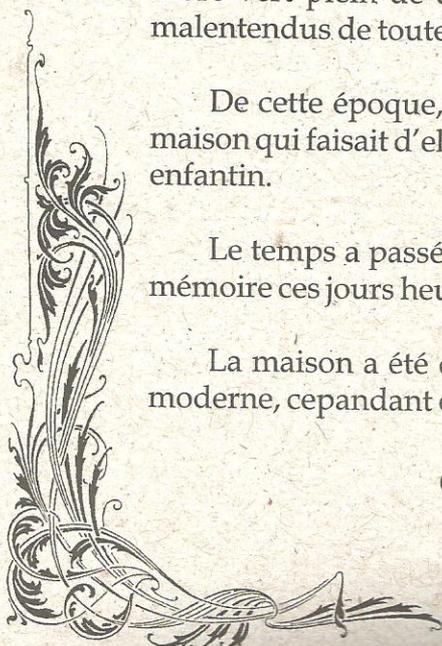
Tout dans cette maison ressemblait à la veillesse, à la fatigue et pourtant j'étais heureuse d'y vivre. Elle ne brillait que pendant le Noël quand on allumait un grand arbre vert plein de chocolats enveloppés avec des papiers colorés. Et malgré les malentendus de toute l'année la famille échangeait les plus sincères vœux de félicité.

De cette époque, le plus grand souvenir c'est le manque de lumière dans cette maison qui faisait d'elle un endroit fascinant dont les ombres jouaient avec mon esprit enfantin.

Le temps a passé et mes grand-parents sont morts, mais il n'a pas effacé de ma mémoire ces jours heureux.

La maison a été démolie puisqu'elle était très grande pour abriter une famille moderne, cependant elle est dans moi si vive que si je pouvais je la ferais revivre.

*Sonia Regina Ribeiro Gallo (Letras)*



# Crônica

## DIGA-ME O QUE FAZES ANTES DA PROVA E TE DIREI QUEM ÉS

O que você faz quinze minutos antes da prova? Você se desespera? O clássico. Mas lembrem-se que histeria não faz a nota subir. Você lê que nem um louco o livro onde está a matéria. Sim, é sempre bom aprender em quinze minutos o que você não aprendeu em um semestre. Você é daqueles que sempre inventam músicas rimas e afins pra lembrar das coisas? Você é daqueles que faz cursinho, certo? Tem sempre aqueles que tentam ensinar alguma coisa pros outros. Se for o seu caso, não se espante se a nota dos outros for maior que a sua. Você sempre fica perdido, pois não consegue lembrar das coisas mais bobas? Tá vendo? É nisso que dá estudar só a parte mais difícil da matéria. Você está sossegado no canto da sala sem se preocupar com a prova? Sabia! Você é o cdf de que ninguém gosta, porque é chato e arrogante.

Tem sempre aquele que tenta subornar o colega de sala com presentes e dinheiro. Se você é desse tipo, preste atenção a se aquele que você suborna não é aquele cara que você passou o semestre todo zoando. Se for o caso, acho que o ditado "A vingança é um prato que se come frio" se encaixa perfeitamente na mente do subornado. Tem aquele que fica do lado de fora da sala dizendo que prova é uma das artimanhas do sistema capitalista-ocidental-judaico-cristão para manter a elite como elite. Sim, a luta continua, companheiro. Você faz da sua carteira um livro cheio de fórmulas, teoremas e afins? Se você não tirar aquele nove, você bomba, estou certo? Sempre tem o burocrático. É chamado assim, porque todo mundo sabe que ele só vai conseguir nota na prova de recuperação. Portanto, a prova principal é apenas uma burocracia. Outro caso curioso é o do bajulador. Ele não se mostra quando faltam quinze minutos para a prova começar, somente horas depois que a prova foi feita, quando o professor descobre que, em meio às respostas, há várias mensagens de admiração e respeito. Esse, pelo menos, não zera.

O mais interessante é o coringa. Ele só sabe que haverá prova 15 minutos antes dela e pode se transformar em qualquer um dos casos citados acima, com exceção do cdf arrogante, porque este sempre sabe a data da prova, antes mesmo de o professor marcá-la. O último deles é aquele que sempre pergunta "Se eu acertar o nome? Quanto eu tiro?". Mais conhecido como BABACA. Você deve conhecer alguém assim.

O interessante nisso tudo é que, quinze minutos antes de a prova começar, nós podemos descobrir muito sobre os estudantes e, assim, prever que tipo de pessoas serão. Assim:

- O que sempre tenta ensinar algo para os outros pode ser um excelente amigo.
- Tente descobrir o que quer ser quando crescer aquele que suborna o cdf por cola. Se ele disser que quer ser político, abra o olho.
- O que sempre se desespera pode ser um acionista da bolsa.
- Com certeza, o bajulador subirá rápido na vida profissional.
- O cdf, com certeza, será chefe de algo importante. Por isso, sempre o trate bem durante os anos de colégio. Ele poderá ser seu chefe.

-O babaca será aquele que, no escritório, dirá coisas como "se eu cozinhar, eu não lavo" ou "se você estiver cansado de passar roupa, eu posso alisar suas pregas?" ou pior "sabe o seu cuca? Seu cuca é eu!". Em outras palavras, continuará sendo um babaca.

Depois de ler tudo isso, responda-me. O que você faz quinze minutos antes da prova começar?

*Nilton Júnior (Letras)*



## O ÍNDIO QUE ACORDOU BRANCO E O BRANCO QUE ACORDOU ÍNDIO

Uma terra colorida pelo verde-sangue das matas brasileiras. Um homem, com ares de eterno filho, pinta seu rosto e apronta seu arco. Dois quilômetros adiante, uma espessa clareira denuncia que o inimigo está presente, pelo menos por enquanto. O conflito é iminente e a chuva, no fim da tarde, tenta, sem sucesso, apagar o fogo que se instala. Está tudo pronto para a *débâcle*. O homem de rosto pintado avança com sua arma e seu bando, alastrando o ar com um ignóbil brado de posse. Ali tudo é seu, ele pensa.

Do outro lado, outro homem empunha sua arma e agita os foliões que estão presentes. Hoje é dia de festa e, nesse lugar, onde nada acontecia, zumba agora um assóvio de desequilíbrio. Os foliões, armados com facões e rifles, marcham em uma linha tênue através da clareira, pisando nos restos da mata, que agora descansa inerte no chão. O grito, semelhante ao brado do inimigo, reivindicava a posse, a terra.

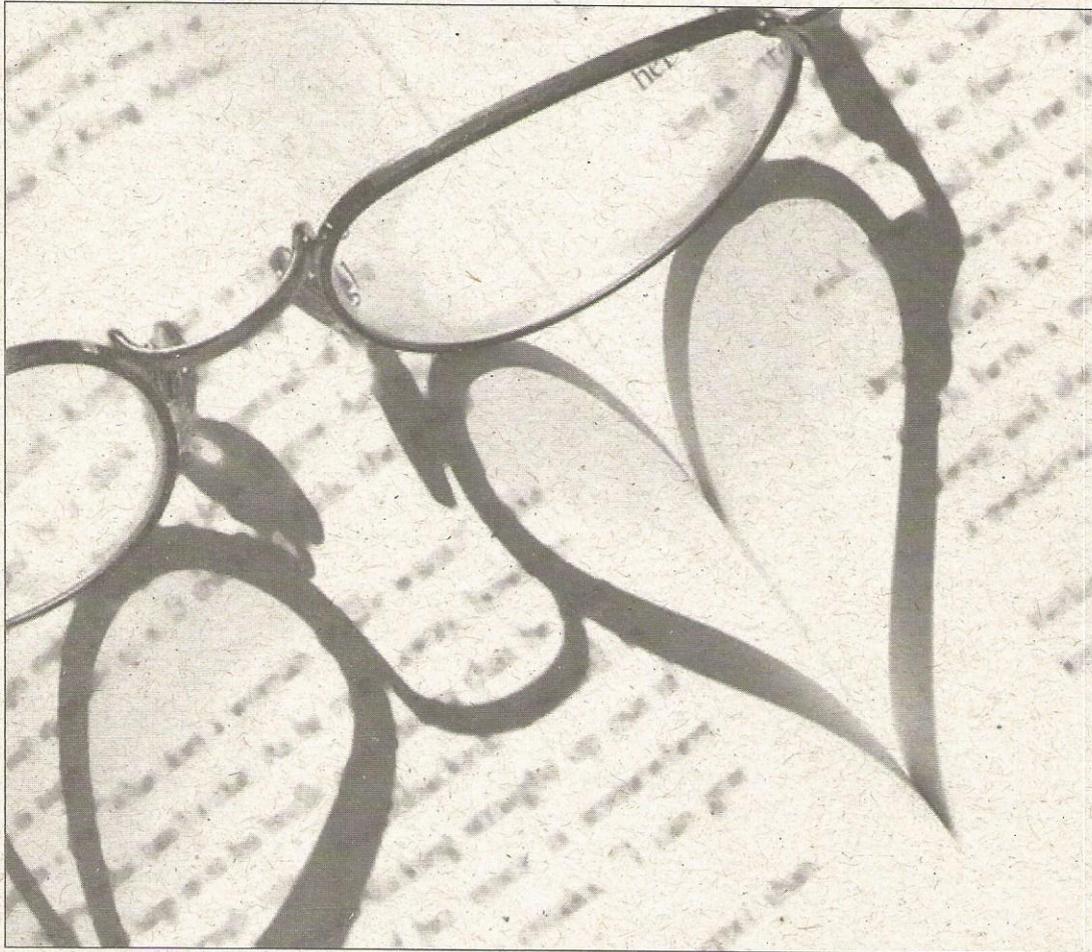
Em determinado momento, como pelo desígnio de um destino antevisto, os dois grupos se encontram. A marcha é interrompida em ambos os lados. O cenário evidencia o embate, cada bando com seu líder à frente. Enquanto, de um lado, alguns homens seminus erguem seus braços e entoam um canto de guerra, do outro, os personagens parecem imitá-los, de tal forma que todos se confundem. Apesar de tão antagônicos, quão iguais se parecem! Eis que se faz silêncio. Os dois líderes dão alguns passos e se encontram, quase tocando seus semblantes. Seus pulmões arfantes fazem da respiração uma denúncia em causa própria. O rei dos foliões abre a boca e pronuncia uma espécie de acordo. O outro, apesar do intimidante rosto pintado, apenas anui e gesticula em gesto de aprovação. Está feito, agora todos podem voltar para casa. Não houve muita festa, mas, agora, parece que há uma legítima paz envolvendo o ambiente.

Amanhã será o dia das extrações para uns e do ritual para outros. Os foliões continuarão seus ofícios floresta adentro, enquanto o séqüito nativo se reconfortará em acompanhar seu líder rumo a outro lugar. Não houve guerra, não houve luta. Não houve nada além de um acordo. Os foliões e o bando de homens seminus não entenderam direito o que se passou, mas acreditam em algo bom. Os dois líderes, no entanto, sorriem e festejam sozinhos na noite sem lua que se apresenta, até caírem no sono.

Na manhã seguinte, quando todos acordam, percebem que algo está diferente: não há nuvens no céu e nem árvores na terra. Acham logo que é brincadeira de um deus ou algum tipo de sonho. Mas nada muda durante o dia inteiro e eles acabam intuindo que é tudo obra do homem, de um mesmo homem. O índio do rosto pintado percebe, então, que agora é um homem branco, e o homem branco percebe que é um índio. O interesse havia guiado os diferentes ideais por um mesmo caminho, destruindo tudo o que havia na frente. Agora não há mais mata, ideais ou diferenças, há apenas o homem.

*Oz Jazdi (Ciências Econômicas)*

## DE AMOR Y OTRAS MEZCLAS

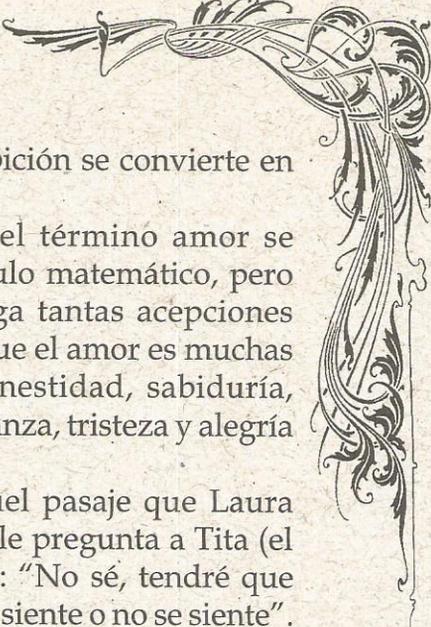
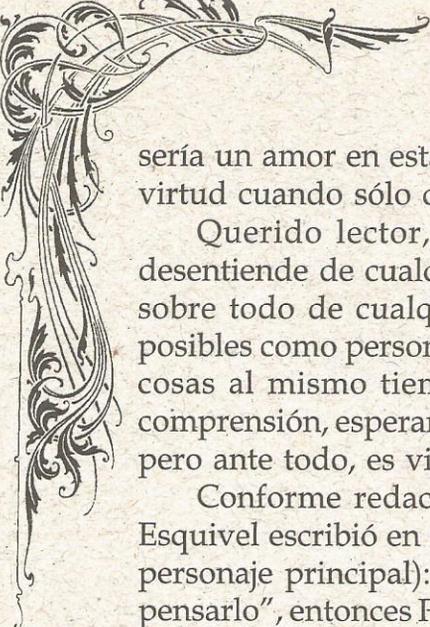


*Para R. L. A.*

Desde la historia de la humanidad y hasta que el filósofo y pensador Platón se atrevió a concretizarlo, el hombre siempre ha tenido la necesidad de crear un futuro inexistente que ha llegado a llamarse "esperanza". Sí señores, el hombre desde que nace crea, entre otros, un sentimiento esperanzador, cuando en realidad lo único que le espera al final del camino es la muerte.

Pero la muerte no es el tema que nos ocupa en este apartado, por tanto, avancemos un poco más en la línea de los grandes pensadores y lleguemos hasta Santo Tomás de Aquino, eso sí, sin entrar en detalles religiosos. ¿Qué es lo que hace al ser humano continuar? ¿Cuál es la fuerza que está más allá y que tira de nosotros? ¿Cuál es la razón para seguir caminando? No es ni más ni menos que "el primer motor": EL AMOR. ¿El amor hacia el prójimo? ¿Hacia nuestro amante? ¿Hacia nuestro trabajo? ¿Familia? ¿Amigos? ¿Dinero? ¿Éxito? ¿Hacia nosotros mismos?

Hay quien interpreta que cuando sentimos amor al trabajo, al dinero,.... es decir, hacia algo material o tangible, eso se denomina "ambición", por ende, no



sería un amor en estado puro. Pero recordemos que la ambición se convierte en virtud cuando sólo conduce al éxito.

Querido lector, ¿qué entiendes por amor? Porque el término amor se desentiende de cualquier razón objetiva, de cualquier cálculo matemático, pero sobre todo de cualquier palabra, de ahí que "amor" tenga tantas acepciones posibles como personas en el mundo en que vivimos. Y es que el amor es muchas cosas al mismo tiempo: amistad, pureza, sinceridad, honestidad, sabiduría, comprensión, esperanza, consuelo, miedo, rabia, dolor, añoranza, tristeza y alegría pero ante todo, es vida.

Conforme redacto estas líneas estaba recordando aquel pasaje que Laura Esquivel escribió en *Como agua para chocolate* cuando Pedro le pregunta a Tita (el personaje principal): "¿Pero tú me amas?" y ella responde: "No sé, tendré que pensarlo", entonces Pedro contesta: "El amor no se piensa, se siente o no se siente". Es cierto señores, no hay blanco o negro, no hay distintas tonalidades de colores, o sentimos o no sentimos, es así de simple pero de complejo al mismo tiempo.

¡Vaya!, y cuantos poetas, como Quevedo, Cervantes, Garcilaso de la Vega, Sor Juana Inés de la Cruz, Larra, Bécquer, Borges, Pedro Salinas, Alfonsina Estorni, y un largo etcétera han consagrado su tiempo y han derrochado litros y litros de tinta para hablar de tal emoción, tal vez porque si hubieran estado en ese mismo momento mirando fijamente a los ojos de su amado o amada, nunca hubieran escrito nada que rozaba ni un ápice de tal sentimiento ilógico pero que a la vez es tan poderoso.

Ya desde la Edad Media el amor era considerado una enfermedad por poseer tal fuerza que es capaz de manifestarse físicamente en el ser humano, bien a través de la felicidad o bien a través de la soledad y la tristeza. Se refleja en el cuerpo, para bien o para mal. Cuando es para mal, el dolor es tan intenso que se hace patente en las venas, en la sangre y hasta el corazón duele, y por mucho que gritemos sigue instalado en lo más profundo del individuo donde las lágrimas llegan a crear humedades. ¿Y cuándo es alegría? Entonces cualquier montaña nos parece pequeña para escalarla. Y es que el amor, es maravilloso cuando es correspondido.

No obstante, querido lector, no podemos olvidar que el peor de los aliados al amor es el "miedo", miedo a sentir, miedo a equivocarse, miedo a sufrir, miedo a asumir, en definitiva, miedo a vivir, porque el miedo nos paraliza, nos neutraliza y nos vuelve cobardes. Y cuántas oportunidades y cuántos trenes dejamos escapar por culpa del maldito miedo... mejor no lo recuerdes. Todo esto me hace pensar que la vida es una constante bifurcación, una constante elección, y aquello que escogemos no es ni bueno ni malo, solamente es nuestra individualidad en la que a veces corremos el riesgo de pagar un precio demasiado alto.

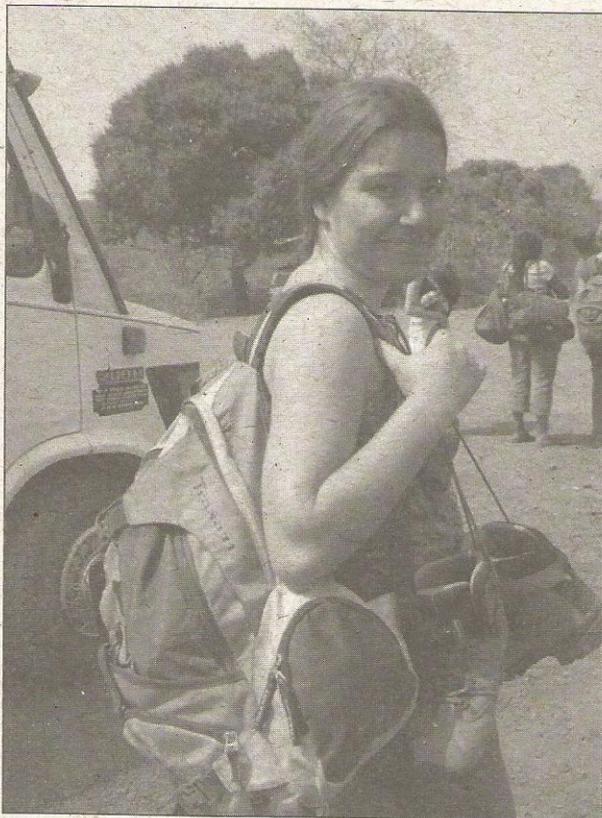
Pero no nos engañemos, lo peor no es el miedo, lo peor es no ser capaces de sentir. ¡Ay de aquel que no puede enamorarse! Porque bendito aquel que ama aunque el amor se acabe. ¡Ay de aquel que cree estar enamorado! Cuando en realidad se enamora de la idea de estar enamorado... pero esta ya es otra historia.

Y así es como el amor y otras mezclas están presentes en nuestras vidas.

*María Esther Arcos Pavón*

# Relato de Viagem

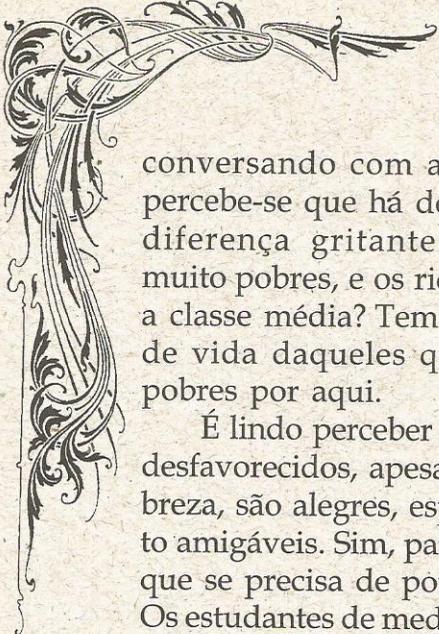
## UMA EXPERIÊNCIA AFRICANA



Amir Klink está coberto de razão quando diz que “um homem precisa viajar”. Antes de chegar a Gana, na África, eu me enganei por conta dessa “arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos e simplesmente ir ver”. O país é como sua típica pimenta de *kebab*: picante, mas doce. O povo é muito acolhedor, todos me tratavam bem e queriam conversar, saber como era minha vida no Brasil, saber como eu me sentia em Gana e o que eu estava achando de tudo. Queriam sempre agradecer... Até festa de aniversário e presentes eu ga-

nhei por lá! Quando saía à rua, parecia alguém famoso... As crianças vinham atrás e gritavam “broni” (branca, em twi). Queriam brincar, conversar, saber se eu estava bem. As mulheres me olhavam como se eu fosse surreal e, em seguida, percebendo a minha receptividade, vinham me tocar como se tentassem confirmar que eu, de fato, era real. E logo me enchiam de perguntas. É verdade que nem tudo são flores e alguns ganenses olhavam desconfiados (e muitas vezes até broncos) para mim porque eu era “broni”. Entretanto, bastava eu dizer que era brasileira que tudo mudava e eles queriam conversar sobre futebol.

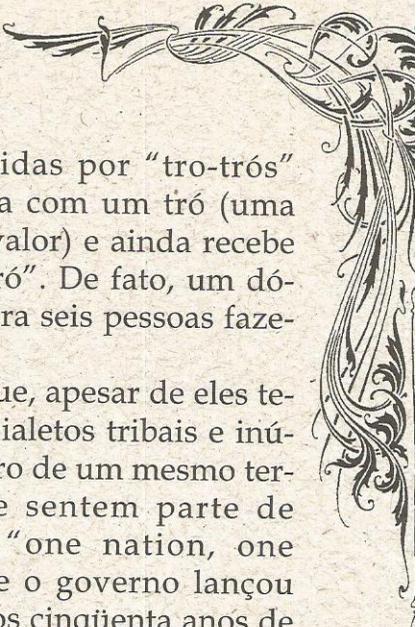
Andando pelas ruas da cidade e



conversando com as pessoas locais, percebe-se que há dois extremos, com diferença gritante: os pobres são muito pobres, e os ricos, muito ricos. E a classe média? Tem o mesmo padrão de vida daqueles que consideramos pobres por aqui.

É lindo perceber que a maioria dos desfavorecidos, apesar de toda sua pobreza, são alegres, esperançosos e muito amigáveis. Sim, para mim ficou claro que se precisa de pouco para ser feliz. Os estudantes de medicina (os ricos com quem tive contato), apesar de todo o dinheiro, levam uma vida simples - todos, sem exceção, moram na moradia estudantil (com estudantes de classe média também) e a grande maioria lava, passa, cozinha e limpa, sem distinção de gênero ou classe social. Vocês imaginam um estudante de alta renda fazendo isso no Brasil diariamente?

Gana comemorou cinquenta anos de independência no ano passado. O país ainda dá os primeiros passos, a economia é fraca e seu principal produto de exportação é o cacau. As cidades grandes (a maior que é a capital Accra tem 2 milhões de habitantes) estão em franco crescimento acelerado e desorganizado: favelas, escassez de água, saneamento básico precário, lixo depositado em locais totalmente inadequados ou queimado, calçadas em construção apenas nas vias principais (asfalto também), trânsito caótico, sem semáforo, sem preferência e com longos emaranhados de carro tentando passar e ecoando buzinas cidade adentro. Aliás, o país tem uma enorme frota de táxis (Renaults, Ômegas, Ipanemas sucateados). Pegar um táxi é barato (cerca de 2 dólares para andar bastante). O sistema público de transporte municipal é terrível - quase não há ônibus. O Estado terceiriza o serviço, então o que temos são inúmeros perueiros com vans extremamente velhas e em péssimas condições, popu-

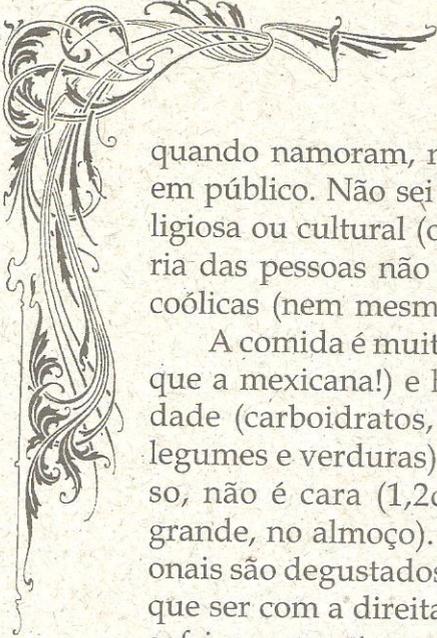


larmente conhecidas por "tro-trós" porque você paga com um tró (uma moeda de baixo valor) e ainda recebe de troco outro "tró". De fato, um dólar é suficiente para seis pessoas fazerem um trajeto!

O curioso é que, apesar de eles terem entre 45-60 dialetos tribais e inúmeras tribos dentro de um mesmo território, todos se sentem parte de um único todo "one nation, one people" (logo que o governo lançou para comemorar os cinquenta anos de independência de Gana) e é por conta disso que o país é bastante pacífico e tem fama de ser o mais amigável, de todo o continente, para receber pessoas. Acho até que, em partes, o responsável por esse nacionalismo foi Kwame Nkrumah (o primeiro presidente de Gana, que era "a la Simon Bolívar".) O desejo de uma África unificada ainda perpetua na mente de jovens ganenses que também sonham com um mundo igualitário.

Este ano, Gana sediou a "Africa Cup of Nations", e uma pitada adicional de nacionalismo tomou conta do país que se pintou de vermelho, amarelo, verde e preto (as cores da bandeira) para apoiar o "Black Stars" (seleção nacional de futebol). E eu tive uma dose extra de contato com o continente, afinal "a África" foi à Gana.

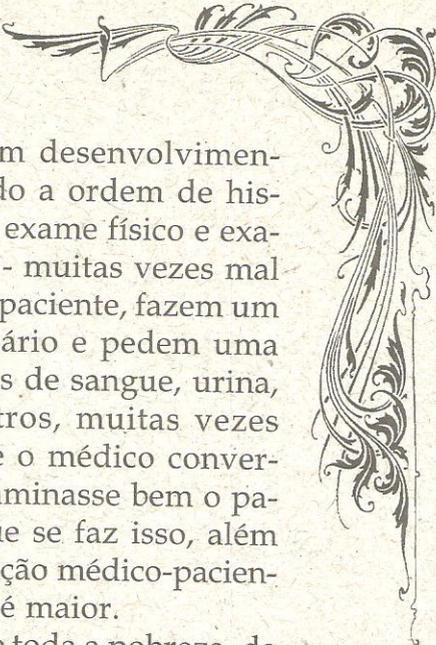
Ao contrário do que se imagina, a maior parte da população é cristã. Na verdade, é uma mistureira brava, como por aqui. As pessoas freqüentam a igreja (há mais metodistas e protestantes do que católicos), mas não deixam de ir ao curandeiro tomar um chazinho e fazer um banho de erva, quando têm algum problema. (para os médicos, por causa disso, há muita síndrome de Stevens-Johnson). E, como eles são muito religiosos (missas, preces em grupo, encontros da igreja ocupam suas agendas mais do que uma vez na semana), não tem essa história de "ficar" e, mesmo



quando namoram, não tem nem beijo em público. Não sei se por questão religiosa ou cultural (ou ambas), a maioria das pessoas não ingere bebidas alcoólicas (nem mesmo socialmente).

A comida é muito picante (mais do que a mexicana!) e há uma boa variedade (carboidratos, proteínas, frutas, legumes e verduras). Para o nosso bolso, não é cara (1,2 dólares um prato grande, no almoço). Os pratos tradicionais são degustados com a mão, e tem que ser com a direita! Imaginem como sofri e o quanto as pessoas riram de mim tentando comer (sou canhota). Eles ainda acham que os canhotos são "sinistros" e vêem como ofensa quem come, gesticula e cumprimenta com a mão esquerda. Faz pouco tempo que eles permitiram que os alunos escrevessem com a esquerda (ainda bem que isso eu podia fazer!).

Falando de saúde, ou melhor, de falta de, o hospital de Kumasi (onde estagiei) é enorme (tem aproximadamente a área do HC de São Paulo). Apesar do tamanho, a infra-estrutura é precária: prédio sucateado, falta de equipamentos, poucos exames complementares disponíveis, grandes salões com inúmeras camas uma do lado da outra (como nos filmes) e pacientes também em colchões no chão amontoados, inclusive nos corredores. Acredito que, para exercer a medicina nessas condições, é preciso ter virtude e amor pela profissão. Improviso e boa propedêutica são as palavras que devem estar no pensamento e na ação. Lá eu encontrei excelentes profissionais - sabem conversar com o paciente, fazer uma boa história, um exame físico impecável e na maior parte dos casos, fechar o diagnóstico com isso (já que exames laboratoriais não estão sempre disponíveis). Para quem não é da área da saúde, o que acontece é que os profissionais da nossa área em países de-



envolvidos e "em desenvolvimento" têm subvertido a ordem de história do paciente, exame físico e exames laboratoriais - muitas vezes mal conversam com o paciente, fazem um exame físico precário e pedem uma centena de exames de sangue, urina, radiografia e outros, muitas vezes desnecessários, se o médico conversasse direito e examinasse bem o paciente. Sempre que se faz isso, além de degradar a relação médico-paciente, o risco de erro é maior.

Sim, apesar de toda a pobreza, da precariedade do serviço de saúde, do quão desumano parece à primeira impressão ver aqueles pacientes todos sem privacidade e muitos no chão, o cuidado médico é bem humanizado. É uma vergonha para o nosso país, mas, nesse quesito, eles estão léguas à nossa frente. Mais vergonhoso é saber que isso é uma questão de postura pessoal, mas que tem se perdido, proporcionalmente ao advento de tecnologias. Os médicos e estudantes de medicina ficam deslumbrados (ou acomodados) com o arsenal de exames e aparelhos que podem solicitar para curar a doença e esquecem que a "D. Maria" é muito mais do que uma paciente de sessenta e três anos diabética, hipertensa, menopausada, com um episódio de AVC. Enquanto tratarmos a doença e não a falta de saúde (que são coisas diferentes), o serviço prestado não será efetivo e as filas do SUS e outras só vão aumentar. Afinal, "que pobreza tem essa medicina dos ricos, incapaz de abordar a riqueza multifacetada da vida dos pobres"?

O cuidado que eles têm com os pacientes é inversamente proporcional ao cuidado com aqueles que morreram. Dois funcionários passam pelos blocos do hospital com uma maca fechada recolhendo os mortos e vão amontoando um em cima do outro,

como entulhos. No serviço de patologia, a fila para autópsia é enorme. E todos os dias eles fazem várias. Os corpos que serão autopsiados no dia são separados dos outros que aguardam (quem morre hoje é necropsiado daqui a 10 dias) e então amontoados no chão. Para autopsiar, eles solicitam o corpo pelo código (um número qualquer) e um funcionário vem arrastando do chão, batendo, e joga-o na mesa. A primeira visão é chocante, depois acho que ocorre um processo de insensibilização. Lá eu aprendi que muitas vezes quando estamos sensíveis a uma causa, é preciso nos insensibilizarmos para conseguir executar o que precisa ser feito e isso não é contraditório. Penso ser provável esse desleixo e materialidade com que tratam seus cadáveres pelo fato de eles saberem que um cadáver é apenas "carne dada aos vermes", e aquilo que a pessoa tem de importante já não habita mais aquele corpo. Bom, pelo menos é reconfortante achar isso e foi o que me deu forças para prosseguir o trabalho.

Após jornada de dois meses em mundos completamente diferentes e pensando também sobre todos os ou-

tros lugares em que estive, me sinto fora da curva de Gauss. A teoria darwiniana não se aplica a mim. No meu caso, creio que Lamarck tenha razão, sim eu me adapto conforme a necessidade, sou capaz de viver em qualquer lugar. Ou seria um neodarwinismo? Talvez eu tenha um gene mutante que faz com que corpo e mente se reprogramem para um novo hábitat. Pode parecer paradoxal, mas o que me prende a esse mundo não são as coisas mundanas. Estou aqui em busca de algo... Amor? Solidariedade? Paz? Compaixão? Felicidade? Harmonia? Poderia ser qualquer uma dessas coisas ou todas elas. Mas não é, procuro algo maior, não sei dizer o que (já que definir é limitar e estamos falando de algo sem limites). Só tenho a certeza de que, a cada dia, encontro um pouquinho "disso" nessa estrada mundo afora. E essa jornada foi muito especial, porque conheci pessoas que, como eu e muitos de vocês, são vaga-mundo e andam por aí procurando "o sentido". Mas não se esqueçam de que, ao ampliar os horizontes, é preciso estreitar os caminhos, para dar conta da missão!



*Gabriela Gomes Silveira (Medicina)*

*Saúde e  
alegria,  
Gabriela Silveira*

# Opinião

## QUEM TEM MEDO DE JAMES JOYCE?



A saga de 24 horas na vida de um homem comum – que remete à *A Odisséia* de Homero – é o argumento deste livro surpreendente e multifacetado que mudou os paradigmas da narrativa moderna.

Já se tornou tradição: a cada ano, no dia 16 de junho, joycianos de todo o mundo reúnem-se para celebrar a mítica data em que o judeu-húngaro-irlandês Leopold Bloom fez uma caminhada memorável de 18 horas pela cidade de Dublin, atravessada pelo Rio Liffey. Era 1904 e tal jornada se transformou no romance *Ulisses*, com que James Joyce dividiu as águas da literatura moderna. A obra, publicada em 1922, revolucionou a forma e a estrutura do romance, influenciando decisivamente o desenvolvimento do *fluxo de consciência* e impulsionando a linguagem e as experiências lingüísticas aos limites da comunicação.

Mais cultuado do que lido, o livro-chave do autor irlandês continua sendo uma das mais instigantes obras da literatura universal, mesmo após mais de 80 anos de sua publicação.

Eu não sei se gosto de James Joyce. Não sei se algum leitor ou estudioso de suas

obras, sobretudo de *Ulisses* e de *Finnegans Wake*, gosta.

Porque Joyce me incomoda. Joyce me instiga. E me provoca.

Como não se sentir incomodado? Em pleno século XXI, mais de 80 anos depois do lançamento de *Ulisses*, ainda não existe livro que rivalize com ele em questões de inovações formais. As técnicas criadas e aprimoradas por Joyce são ainda o que temos de mais "avançado" em literatura.

Ninguém foi além de Joyce até agora.

*Ulisses* parece ser o fim do caminho. O livro chega mesmo a dispensar o narrador nos seus dois últimos capítulos.

#### RECEITA PARA LER ULISSES:

##### Ingredientes Essenciais:

*O Retrato do Artista Quando Jovem* (James Joyce)

*A Odisséia* (Homero)

*Dublinenses* (James Joyce)

*A Divina Comédia* (Dante Alighieri)

##### Modo de preparo:

Acrescente a obra de Shakespeare, principalmente *Hamlet* e toda a literatura inglesa escrita até Joyce.

Junte uma dose de não-imediatismo e grande interesse por questões de qualidade literária mais a literatura recomendada com a busca por referências em doses constantes até aturar.

Basta deixar (você) descansar e começar de novo.

Por que tamanha dificuldade de leitura? Seria a obra inovadora, porém ruim, já que não se consegue ler?

Se só alguns conseguem lê-la, é óbvio que ela é elitista e o problema está com eles (leitores), a minoria. Será?

Estamos sempre envoltos em cultura de massa, de assimilação rápida e fácil, de estrutura repetitiva. Então nos deparamos com um texto carregado de referências, inovador a cada capítulo, que não permite ao leitor a criação de uma base estável de compreensão.

Com um problema extra em português: a tradução pernóstica de Houaiss. Se a obra já é complicada por sua própria conta, o tradutor dá uma "eruditada" no texto todo, inclusive em trechos mais simples.

Joyce incomoda por pedir uma atenção não-convencional, por exigir uma sensibilidade de leitor que vai muito além do trivial.

Incomoda a ponto de você entender quase nada. Quase.

Você fica com o sentimento de que tem algo ali que você quase entendeu. Que há muita coisa ali para revirar.

E quando dá por si, não é mais uma questão de gostar ou não. É uma questão para responder. Resposta cada vez mais complexa a cada leitura, com uma pergunta cada vez mais difícil. Discussões à parte, a leitura do livro (ou pelo menos a tentativa) é, sem dúvida, de extrema importância na formação de um bom leitor literário.

*Giovana Tartari (Letras)*

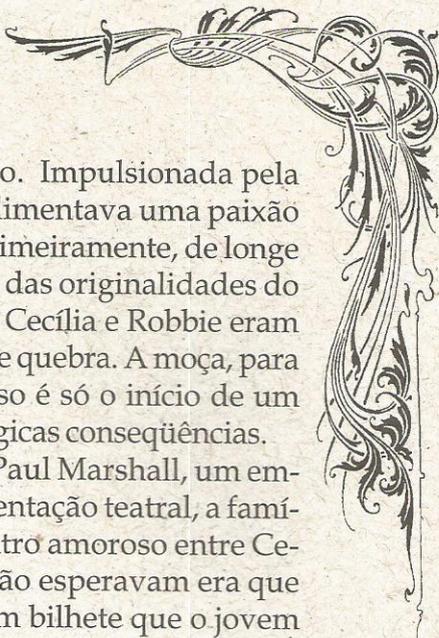
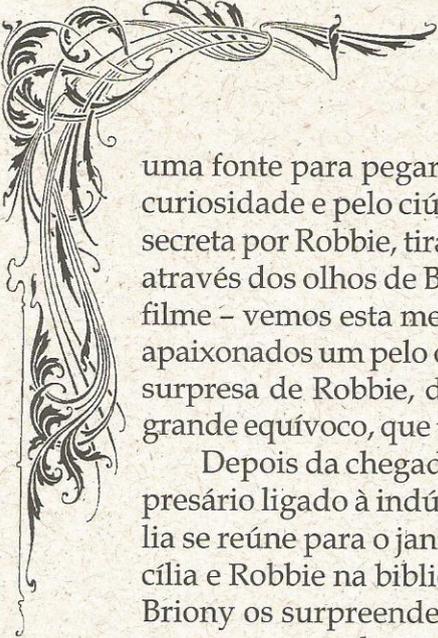
# Cinema

## DESEJO E REPARAÇÃO



Uma garota com uma imaginação muito fértil, vivendo em seu próprio mundo, vê uma cena no jardim da casa de sua família. É algo que, com seus treze anos, ela não podia compreender e, ao dar uma interpretação errônea ao que aconteceu, ela destrói, não só a vida de duas pessoas destinadas a ficarem juntas, mas de toda uma família. Porém, a culpa a fará tentar reparar o dano que causou. Assim resumida, essa é a idéia central do mais recente filme do diretor Joe Wright, *Desejo e Reparação* (*Atonement*, 2007), adaptação do romance *Reparação*, do inglês Ian McEwan. Wright vai, assim, consolidando-se em uma carreira de sucesso e talento depois de *Orgulho e Preconceito*, outra adaptação, desta vez de Jane Austen. Apesar de ter dirigido dois filmes adaptados de romances, Joe Wright não se prende totalmente aos originais e, neste seu último filme, se arrisca tanto na forma de narrar a história, fazendo, por exemplo, uso de *flashbacks*, quanto nos movimentos de câmara, além da ótima *mise-en-scène*, extraindo atuações espetaculares dos atores e da trilha sonora, que ganhou o Oscar deste ano.

Estamos em 1935, no dia mais quente do ano na Inglaterra. O clima é de tensão, devido à iminência da Segunda Guerra Mundial. Briony Tallis, a personagem central, ansiosamente aguarda a chegada de seu irmão mais velho, Leon, preparando-lhe uma surpresa: escreveu uma peça e pretende encená-la para ele com a ajuda de seus primos, os gêmeos Jackson e Pierrot e Lola. Irritada com a falta de interesse destes, a garota fecha-se em seu quarto. É através da janela que ela vê sua irmã, Cecília, entrar quase nua, na frente de Robbie, filho de uma das empregadas, em



uma fonte para pegar cacos de um vaso que havia se quebrado. Impulsionada pela curiosidade e pelo ciúme, ela não entende a situação e, como alimentava uma paixão secreta por Robbie, tira conclusões erradas. Vemos essa cena, primeiramente, de longe através dos olhos de Briony, porém depois – e aqui vemos uma das originalidades do filme – vemos esta mesma cena como ela realmente aconteceu. Cecília e Robbie eram apaixonados um pelo outro. No meio de uma discussão, o vaso se quebra. A moça, para surpresa de Robbie, decide mergulhar para pegar os cacos. Isso é só o início de um grande equívoco, que tomará proporções gigantescas e trará trágicas conseqüências.

Depois da chegada do irmão, que traz consigo seu amigo Paul Marshall, um empresário ligado à indústria de chocolate, e do fracasso da apresentação teatral, a família se reúne para o jantar. Antes, porém, presenciamos o encontro amoroso entre Cecília e Robbie na biblioteca da mansão dos Tallis. O que eles não esperavam era que Briony os surpreendesse ali, principalmente após ter lido um bilhete que o jovem escreveu e mandou à amante por intermédio de Briony. Mas ele enviou o bilhete errado, o que continha divagações eróticas, o que acaba por confirmar as suspeitas de Briony de que Robbie estava forçando Cecília a fazer algo que ela não queria. Para piorar, durante o jantar os gêmeos decidem fugir e a família empreende uma busca. No meio do imenso jardim, Briony “vê” alguém atacando sua prima Lola, mas ela não consegue identificar realmente quem era a pessoa. Como ela já tinha se convencido de que Robbie era um maníaco sexual, convence também sua prima a confessar que tinha sido o rapaz que a atacara. Briony depõe à polícia e Robbie é preso.

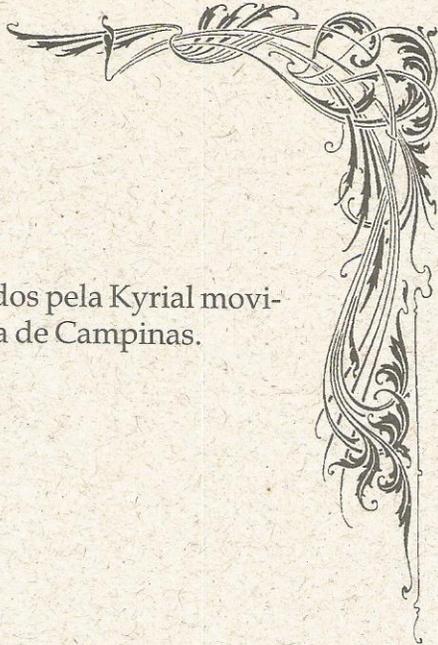
Depois de passar anos na cadeia, o jovem só consegue ser libertado para juntar-se ao exército durante a guerra, onde presenciará muitas atrocidades. Cecília, por sua vez, abandona a família, rompe os laços com a irmã e passa a dedicar-se ao trabalho de enfermeira, cuidando dos feridos da guerra. O casal mantém-se unido em seu tempo livre. Briony cresce e o peso da culpa acabada tornando-se insustentável. Para tentar aliviar um pouco sua dor, ela vai trabalhar como enfermeira também, como uma forma de penitência, sempre buscando o perdão de sua irmã.

O filme se encaminha para um final surpreendente e inesperado, em que descobrimos que nem tudo realmente aconteceu e que toda a história é contada por meio de Briony, já que, como ressaltou o próprio diretor, é ela quem conduz a história, além de que “o filme é Briony”.

Vale ressaltar o plano-seqüência (seqüência sem cortes), de cinco minutos, notavelmente belo, que mostra a retirada das forças do Reino Unido na praia de Dunquerque, na França, em que vemos todo aquele caos através dos olhos do jovem soldado, Robbie, demonstrando que Joe Wright possui também bom repertório técnico.

Com imagens de tirar o fôlego e com uma história emocionante, pontuada pela trilha sonora que persiste em boa parte do filme, *Desejo e Reparação* é, com certeza, merecedor de todas as indicações que recebeu ao Globo de Ouro e ao Oscar, além de todo o mérito por ter sido adaptado de um romance muito complexo e detalhado e de não ter perdido o encanto ao ser transposto para as telas. A atriz Keira Knightley, intérprete do também belo *Orgulho e Preconceito*, está perfeita no papel de Cecília. Sem contar com a estréia em grande estilo da jovem de treze anos Saoirse Ronan, indicada ao Oscar, e com a presença de um dos jovens atores de mais destaques do momento, James McAvoy. No final, Briony já na velhice, interpretada por Vanessa Redgrave, tenta, da única maneira que lhe foi possível, reparar a grande tragédia que ela causou às pessoas que amava, tentando aliviar o peso da culpa e da dor que carregou durante toda a vida.

*Fernanda Marchesim Leite (Letras)*



# Concursos

Entre Abril e Julho de 2008, dois concursos literários promovidos pela Kyrial movimentaram os alunos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

---

Apoio:

**livraria cultura**

Shopping Center Iguatemi Campinas

(19) 37514033

[www.livrariacultura.com.br](http://www.livrariacultura.com.br)

---

## CONFIRA OS TEXTOS VENCEDORES:

### II Concurso de Microcontos

**II Concurso de Microcontos. Tema do ano: Centenário Machado de Assis.** Aberto a todos os alunos da universidade. A Comissão Julgadora foi composta por uma banca de referência, formada por professores do curso de Letras da universidade.

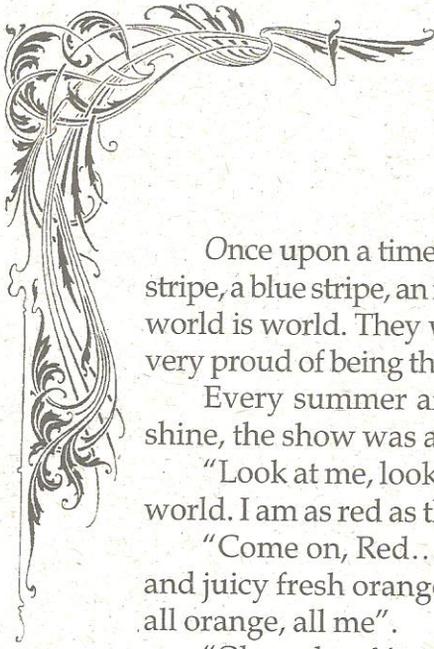
#### Um Acidente

Eis que nasci. Um acidente. Mas não foi (ou fui) de todo mal. Escrevi certo por linhas tortas quando me foi dado aprender a fazê-lo por minha própria conta e risco. E daí a uma cadeira na Academia - filha minha -, foi só um pulo, um peteleco em uma borboleta negra. Se fosse azul, tudo seria de outro modo.

**Mariana Baroni Fontana** nasceu em Campinas, São Paulo, em 1986. É aluna do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Publicou seu primeiro poema na Antologia *DiVersos*, pela Andross Editora. Também publicou um conto na Antologia *Brainstorm*, da mesma editora. Recebeu menção honrosa no II Concurso Internacional de Poesias do CPAC (Centro de Poesia e Arte de Campinas), além de ter se classificado no 7º lugar no I Concurso Internacional de Poesia da Biblioteca Adir Gigliotti.

### II Concurso de "Fairy Tales"

O II Concurso de Fairy Tales foi destinado aos alunos do último ano do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação da professora Nair Lemé Fobé. Os textos foram votados pelos alunos do período matutino.



## THE BLACK STRIPE

Once upon a time there were a red stripe, an orange stripe, a yellow stripe, a green stripe, a blue stripe, an indigo stripe and a violet stripe. They used to live together since the world is world. They were all very proud of themselves and more than that: they were very proud of being the result of a very beautiful phenomenon: a sunny and rainy day.

Every summer afternoon, when the rain started to fall and the sun insisted to shine, the show was about to begin.

"Look at me, look at me!" said the red stripe. "I am the most gorgeous color in the world. I am as red as the blood that brings people life. The rainbow should be all red!"

"Come on, Red... I am the best color. I am at the sunset and also in the delicious and juicy fresh oranges. I am the one. I am Orange and I think the rainbow could be all orange, all me".

"Okay, okay. You can stop now. I am the color that colors our father, our king. Without me the world would be in complete darkness. I am the light! I am what you would like to be! I am Yellow, and I am sure everybody would like to have a yellow rainbow".

"I am as blue as the sky!"

"And I am as green as the forests!"

"I am indigo!"

"I am violet!"

"I am... I am... I am..."

No one had ever seen such a very loud discussion in nature. The birds were exhausted. The flowers were almost dying and nobody could think about anything to stop that strange quarrel. The noise was so loud that a giant flower woke up: The big Sunflower.

"What's happening here?", asked the Sunflower. "I was about to wake up, after this rain and you are here, fighting and discussing, trying to discover who is the most important... Shame on you!"

"There is nothing to be ashamed of" said Red. "Of course everybody knows I am the best one, and even if we couldn't discover who *the one* is, we all know we are better than THAT one..."

The big Sunflower got very angry with that comment and immediately the world got quiet.

"I want you to know that everybody, each one of you, has your own value", said the Sunflower in a very strong voice. "And even the black stripe, 'that one', as you call it".

At that moment everything started to go dark, slowly, and all those noisy color stripes sat down to hear what their big teacher had to say.

"Our shy friend, Black, is as important as you are, dear colors. Black does not appear in our beautiful rainbow but it is the responsible for this lovely night. If it weren't for Black we could not see the stars. Can you imagine a world without stars?"

Red got very ashamed. "I am so sorry, Black", it said.

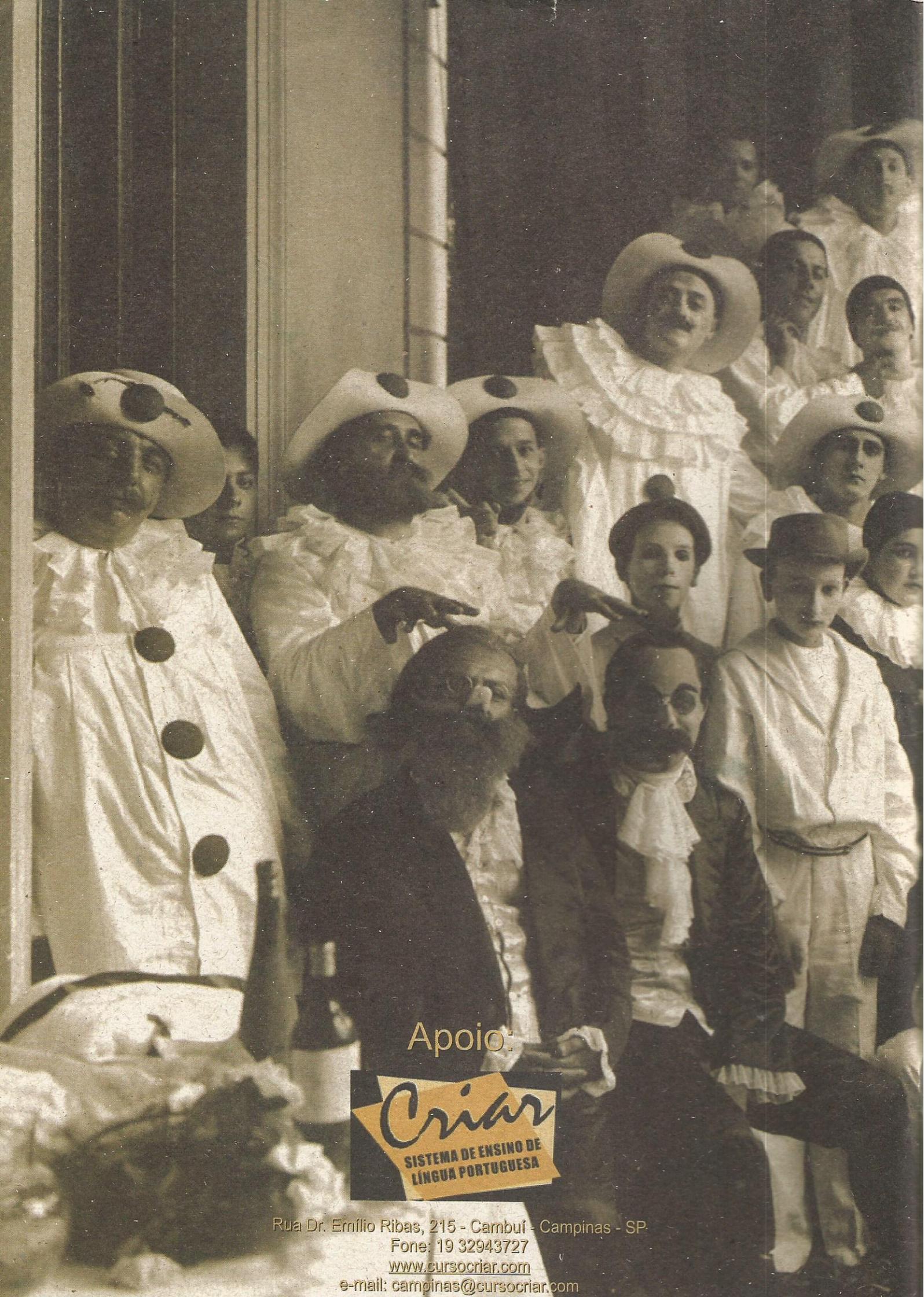
"Yeah... I am not as good as I thought. I think we really work better together, as a team", said Yellow and Orange in the same voice.

Sunflower was very happy. Colors could see their importance as a group and the importance of everyone in the group.

"Go colors. It's enough for today. See you soon", said the giant flower.

The night was quiet and that was Black's moment.

*Gláucia Cerqueira*



Apoio:



Rua Dr. Ernílio Ribas, 215 - Cambuí - Campinas - SP

Fone: 19 32943727

[www.cursocriar.com](http://www.cursocriar.com)

e-mail: [campinas@cursocriar.com](mailto:campinas@cursocriar.com)